

APOIO:

COMPLEXO GRÁFICO  
**Villimpress**  
(16) 628-5696 RIBERAÇO PRETO - SP  
LEVANDO A SÉRIO O SEU PAPEL

# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura



BATATAIS-SP ANO I, Nº 2 - DEZEMBRO/2000

# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura

ISSN 1518-4013

AMICUS - Batatais-SP - Ano I - Nº 2 - p. 69-168  
dezembro 2000

NOSSA CAPA: Antiga Igreja do Rosário de Batatais  
(Vide AMICUS nº 1)

DMK - Assessoria e Marketing - Design gráfico e Execução

## SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

### AMICUS

Conselho Consultivo e de Editoração  
Coordenador: Walter Cardoso

Membros: Gaspar de Sousa Prado Neto  
José Carlos de Medeiros Pereira  
Maria Clarisse Bombonato Prado

Conselho de Publicação  
Coordenador: Sérgio Corrêa Amaro

Membros: Claudete Camargo Pereira Basaglia  
Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso

Para Correspondência:  
Sociedade Amigos da Cultura  
Rua Dom Bosco, 1088  
CEP: 14300-000 - Batatais-SP  
Email - wcardoso@netsite.com.br

## SUMÁRIO/CONTENTS

Editorial - Bola de Neve..... 73

### ARTIGOS/ARTICLES

Batatais na Revolução Constitucionalista de 1932  
Batatais in the constitutionalist revolution of 1932  
Karina Elizabeth SERRAZES ..... 75

A trilha dos trilhos  
The trail of the the rail  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA ..... 87

José Augusto Fernandes  
Luciana SQUARIZI ..... 99

A implantação da República em Batatais  
The implement of Republican government in Batatais  
Walter CARDOSO ..... 109

Fragmentos de Memória: A Fábrica de Chapéus (1925-1953)  
Fragment of memory: the hat factory (1925 - 1953)  
Alessandra BALTAZAR ..... 121

## SEÇÕES

### GENTE DE MINHA TERRA

Zina

Gaspar de Sousa PRADO NETO ..... 133

### DEPOIMENTOS

Joaquim Borges de Souza, ex-combatente, relata sua participação na FEB

José Carlos de Medeiros PEREIRA ..... 137

### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CARVALHO Jr. José Mario Nogueira de. Construção e Conhecimento Operário - Um estudo de caso .....

157

### NOTICIÁRIO

Lançada com sucesso a revista AMICUS

Maria Clarisse Bombonato PRADO ..... 161

ÍNDICE DE AUTORES/AUTHORS INDEX ..... 163

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL ..... 165

## BOLA DE NEVE

O lançamento do primeiro número desta revista superou as mais otimistas expectativas. Em poucos dias, a edição já estava esgotada, o que nos obrigou a uma reimpressão da mesma. Assim, aqueles leitores que nos externaram o desejo de colecionar AMICUS poderão fazê-lo, sem a frustração de lacunas.

Esclareça-se que o êxito desse lançamento foi a consequência natural de um trabalho de equipe, ao qual todos se voltaram com o máximo empenho: articulistas, revisores, digitadores, artistas gráficos, enfim, gente que com muita determinação aderiu ao nosso projeto. Somente assim seria possível converter um ideal em realidade.

Daí, uma sucessão de fatos auspiciosos, dentre os quais o registro de AMICUS no Centro Brasileiro do ISSN (pertencente ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), o que vem atestar a seriedade desta publicação; a brilhante dissertação de Mestrado em História, defendida recentemente por nossa colaboradora, a Professora Karina Elizabeth Serrazes, sobre Batatais, no contexto da Revolução Constitucionalista de 1932; o lançamento de nova edição - revista e com maiores informações - de "A Freguezia dos Batataes", de Jesus Machado Tambellini; os projetos culturais, intensamente abordados em planos de governo municipal, enfim, é aquela bola de neve irreversível, que rola, como que impelida por Minerva...

Tais acontecimentos, tão prazerosos para nossa Sociedade, levaram-nos com mais ímpeto à elaboração deste segundo número de AMICUS. Nossa linha de pensamento e ação permanece a mesma: resgatar nossa memória e nossos valores culturais, através de pesquisas e utilizando os diversos meios proporcionados pelas ciências em geral. A tradução desses resultados em textos vem a dar voz muitas vezes a personagens que, se não fosse este meio de divulgação, ficariam esquecidos e o seu valor dentro da História ignorado.

Walter Cardoso  
Coordenador do Conselho  
Consultivo e de Editoração

## BATATAIS NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932\*

Karina Elizabeth SERRAZES\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo narrar os acontecimentos referentes ao movimento constitucionalista de 1932 na cidade paulista de Batatais, analisando a atuação da imprensa local na mobilização para a guerra e na legitimidade dos episódios, bem como na elaboração de uma versão triunfalista da revolução.

**UNITERMOS:** imprensa, movimento constitucionalista, mobilização, opinião pública e legitimidade.

O dia 10 de julho de 1932 amanheceu com uma notícia estrondosa, um alarme para a pacata cidade de Batatais:

*"Já estava quase concluída a composição da Gazeta e quando esta folha ia para o prelo vários amigos chamaram a nossa atenção para as últimas novidades políticas que o rádio nos transmitia procedentes da capital e que eram referentes a um poderoso movimento da população paulista pró - São Paulo e pró - imediata constituinte".*

(A Gazeta de Batatais, 10 de julho de 1932)

Na mesma edição, esse jornal publicou algumas notas informando sobre a responsabilidade do general Isidoro Lopes pela chefia do movimento, a aclamação de Pedro de Toledo como governador, a concentração de forças militares em São Paulo e a suspensão temporária dos trens.

As notícias eram confusas e o clima provavelmente era de muita apreensão. A distância aproximada de 400 km entre a capital paulista e a cidade de Batatais, juntamente com a precariedade dos meios de comunicação, tornava deficiente a transmissão de informações. As únicas fontes de informação eram os poucos aparelhos de rádio, o telégrafo, os jornais da capital e as pessoas que desembarcavam na Estação Mogiana, vindas de São Paulo.

\*O presente artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada "As faces da memória: a Revolução Constitucionalista de 1932 na cidade paulista de Batatais".

\*\*Mestre em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP, Campus de Franca.

Essa escassez de informações propiciou a divulgação de vários boatos e exageros, os quais os jornais tentaram conter:

*"e no meio desse turbilhão de notícias de ordem varia e de evidente contradição surgiram os terríveis boatos cujos intuitos visam a intranquilidade no seio das famílias que são atingidas mais diretamente por essas notícias alarmantes comumente desfiguradas e exageradas".*

(A Gazeta de Batataes, 14 de julho de 1932)

No entanto, dentre os 25.000 habitantes do município, apenas 10.000 residiam na cidade de Batatais, o que aumentava a possibilidade de divulgação de notícias incertas.

Além disso, apesar da inexistência de um dado preciso sobre o número de alfabetizados na localidade, é provável que grande parte da população fosse analfabeta, ampliando sobremaneira os desvios comuns da transmissão oral.

Depois de três dias do início do movimento pró - constituinte, os batataenses começaram a se manifestar pela adesão, foi realizada uma reunião no Paço Municipal no dia 13 de julho para organizar uma comissão, destinada a obter donativos para os soldados. No mesmo dia houve um comício na praça central, onde políticos da cidade discursaram, tentando justificar o movimento e conseguir o alistamento de voluntários. Finalizando o comício do dia 13 de julho, foi escrito um telegrama ao governador Pedro de Toledo com os seguintes dizeres:

*"Mocidade batataense num gesto vibrante patriotismo antecipou alistamento fileiras glorioso Exército Grande Cruzada 9 de julho, tendo 24 assinaturas seguindo compromisso em reunião memorável hoje Câmara Municipal: Alistamento de Batataes para a grande cruzada 9 de julho (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 17 de julho de 1932)

Na manhã seguinte, foi distribuído na cidade um boletim intitulado *Ao povo de Batatais*, no qual era relatada a bravura dos soldados paulistas e a grandeza do movimento constitucionalista, bem como os nomes de voluntários, buscando sensibilizar a população para o alistamento de soldados.

Quando a Caravana da Bandeira Cívica passou pela localidade, vinda de Ribeirão Preto, houve novo comício, ficando acertada entre os dirigentes da caravana e as autoridades locais a responsabilidade das mesmas pelo alistamento militar e pela realização de manifestações cívicas em prol do movimento. Segundo a cópia da ata desse comício, os voluntários de Batatais deveriam ser incorporados à sede de Ribeirão Preto, no quartel instalado na Legião Brasileira.

Assim, não houve em Batatais a formação de um único batalhão. Os voluntários foram incorporados em batalhões diferentes e dispersos em vários setores, de modo que o número de voluntários da cidade é bastante impreciso. De acordo com os nomes citados pelos jornais, foram alistados cerca de 150 voluntários batataenses, sendo que, aproximadamente, 15 deles integraram a Legião Negra.

O embarque dos soldados era relatado com intensa euforia, segundo foi descrito pelo jornal A Gazeta de Batataes. Na partida do primeiro contingente, em número de 12 voluntários, não houve nenhum tipo de solenidade, mas, a partir do segundo embarque, esses episódios passaram a ser acompanhados de demonstrações de entusiasmo e lágrimas:

*"A alma batataense em vibração"*

*"(...) ao embarque dos patriotas batataenses compareceram o povo, representado em todas as suas classes e a mocidade conterrânea, tendo sido levantados muitos vivas. Por ocasião do embarque, uma corporação musical executou hinos patrióticos e marchas. Também estiveram presentes no embarque dos abnegados rapazes, as autoridades locais e as representantes da mocidade feminina. Falaram na estação o Dr. Amador de Barros, voluntário e médico e Dr. Frederico Marques, advogado; o primeiro, apresentando despedidas em nome dos rapazes patriotas, e o segundo, saudando-os em nome do povo batataense (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 21 de julho de 1932)

Esse orador dos voluntários batataenses, o Dr. Amador de Barros, morreu dias depois nos campos de batalha, vitimado por uma granada, quando prestava assistência médica aos soldados feridos. A notícia de sua morte causou grande co-

moção na cidade, os periódicos locais publicaram o falecimento e deixaram registrado o pesar dos seus conterrâneos:

*"A Gazeta de Batataes deixa, nestas linhas registrada a mais fervorosa admiração pelo valor do grande patriota, que gloriosamente, derramou o seu sangue e deu a sua vida por São Paulo e pela Pátria".*

(04 de agosto de 1932)

*"Acalento (...) à memória de Dr. Amador de Barros Jr, tombado heroicamente no campo de batalha pela brilhante causa de São Paulo".*

(A Tribuna de Batatais, 14 de agosto de 1934)

A morte desse conceituado médico, possivelmente, repercutiu no ânimo das pessoas e na própria realidade da guerra. Batatais, como outras cidades da região, não vivenciou o cotidiano das batalhas, as linhas de combate ficaram distantes destas localidades, de modo que, na rotina da pessoas, a morte e os feridos de guerra ainda eram apenas notícias de jornal.

Nos três meses de batalhas, a população de Batatais conviveu com o racionamento de alimentos e combustível, o policiamento constante, o embarque e desembarque de soldados, a visita de chefes militares, a passagem de tropas rumo à divisa com Minas Gerais, os comícios, passeatas e campanhas em prol do movimento, mas não presenciou nenhuma batalha, ficando a cargo dos meios de comunicação locais a maior parte das informações sobre a movimentação militar.

Assim, a localidade, acostumada a enviar seus jovens com aplausos e vivas, teve também que presenciar a fatalidade das baixas militares. Esse fato, comum a um estado de beligerância, promoveu na cidade de Batatais um surto de entusiasmo. Foram formadas mais quatro comissões para arrecadação de donativos e campanhas pró – constituinte, os artigos dos periódicos intensificaram os adjetivos para designar o movimento, bem como outras demonstrações de adesão à luta constitucionalista.

Nas páginas dos jornais era registrado cada nome de um novo voluntário que se alistava, e os trechos de cartas de soldados nos campos também se tornaram comuns, como a carta de José Garcia de Barros ao redator Guilherme Tambellini:

*"(...) a vitória é nossa. Pasmam o heroísmo de nossa gente. Um soldado nosso vale por dez adversários. Nosso entusiasmo cresce a medida que se escoam os dias. Só nos preocupa uma idéia: VENCER (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 14 de agosto de 1932)

As cartas dos soldados e as notas sobre as batalhas eram sempre otimistas, como a divulgada pela Delegacia de Polícia de Batatais, comunicando a baixa de 800 soldados da ditadura. Os relatos de heroísmo dos soldados batataenses também eram notícias de primeira página: roubo de armas dos ditatoriais pelo batataense Adolfo Abeid e os companheiros Jurandir Brito de Figueiredo e José Jansen Ferreira, promoção por atos de bravura do jovem Luiz Junqueira:

*"Nessa luta arrebatadora em que as balas tilintavam furiosamente, os nossos rapazes lutavam como leões, Luiz Junqueira, de posse de uma enorme metralhadora pesada enfrentou um numeroso inimigo protegendo com risco de vida, a retirada dos nossos soldados daquele valoroso batalhão, desalojando ainda 10 metralhadoras inimigas que molestava nossos bravos soldados (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 18 de agosto de 1932)

Porém, foram as campanhas de donativos e a campanha do ouro que mais corresponderam aos esforços da população local:

*"(...) para garantia dos seus direitos e da sua integridade Batatais num pleito de desprendimento em prol da grande causa esposada por São Paulo de todos os tempos, fez também o seu donativo em ouro".*

(A Tribuna de Batatais, 21 de agosto de 1932)

Houve a publicação de listas imensas de pessoas que doaram capacetes, inclusive a doação de quatro exemplares por um garoto de nome Gabriel Caleffi, listas de arrecadação de cigarros e cachecóis pelas moças da cidade; doação de troféu pelo Batatais Futebol Clube; doação de um dia de salário dos professores municipais à causa constitucionalista; espetáculos realizados pelo grupo de teatro da cidade para angariar fundos para a compra de capacetes; doações diversas de gêneros alimentícios pelos fazendeiros e, principalmente, listas nominais de objetos doados na campanha do ouro, dentre os quais muitas jóias de família, anéis de formatura e até alianças.

No Arquivo da Câmara Municipal de Batatais foram encontrados diversos ofícios da Associação Comercial e do Serviço de Abastecimento das Tropas em Operações, do setor de Ribeirão Preto, agradecendo o envio de donativos diversos de gêneros alimentícios, capuzes de lã, fardas, binóculos, capacetes:

*"Temos em mãos o seu obséquio datado de 30 de julho pp. Capeando conhecimentos relativos à: 31 sacas arroz limpos, 29 sacas feijão, 2 sacas milho, 20 rezes e 1 cavalo com que concorre para o Exército Constitucionalista. Escusado, será, dizer-lhe o quanto nos é agradável constatar o empenho e o esforço de V.S. Em pról da Lei e a Ordem em nosso país. Sempre ao seu inteiro dispor, muito gratos  
São Paulo, 2 de agosto de 1932  
Associação Comercial São Paulo  
Departamento de Donativos"*

(Maço 81/ano 1932, ofício nº 3).

Além dos ofícios agradecendo o envio de doações, foram encontrados ainda requisições de automóveis, combustível e outros materiais para as tropas em operações. Segundo a relação de automóveis e caminhões requisitados no município de Batatais, pelo Sr. Ciro Costa Filho, do Serviço de Abastecimento das Tropas em Operações de Ribeirão Preto, foram avaliados 141 veículos, num total de cento e quarenta contos de réis. (Maço 82/ano 1932).

As passeatas e as missas solenes pelo êxito dos soldados contrerrôneos na luta também eram manifestações marcantes durante os episódios de 32, inclusive com a participação de crianças:

*"(...) os meninos batataenses num entusiasmo fremente fazendo passeatas cívicas que bem demonstram a pujança do sangue paulista a circular-lhes no corpo. Os batalhões tem merecido de nosso público os maiores aplausos em vista do elevado sentimento que os moveram a evidenciar assim, o amor à causa que SP abraçou. Bravos, aos novos bandeirantes que se levantam hoje para enobrecer a terra paulista amanhã assim manifestando imenso patriotismo".*

(A Tribuna de Batatais, 24 de agosto de 1932)

A participação de mulheres e crianças foi notória, estendendo-se além das manifestações de adesão, esses grupos empreenderam um serviço de apoio aos voluntários. As comissões para arrecadação de donativos eram compostas principalmente de mulheres que organizavam eventos culturais e missas para angariar fundos e apoiar os soldados. As crianças auxiliavam o trabalho dos adultos e serviam como intercâmbio de notícias.

As aulas foram suspensas e as escolas foram utilizadas como abrigo para os soldados que estivessem à espera de embarque. Muitas mulheres e crianças trabalharam nesses locais, onde também funcionavam os refeitórios. O Ginásio São José, por exemplo, forneceu entre os dias 19 a 24 de julho 617 refeições para voluntários.

(Notas Históricas, I, 1925 – 1938)

No dia 25 de agosto de 1932, o político João Neves, juntamente com Joviniano Brandão, Altino Arantes e outros, esteve em Batatais, divulgando a legalidade do movimento e a sua situação vitoriosa. Várias pessoas assistiram à chegada da comitiva e a aclamaram e, segundo consta nas publicações periódicas, houve também a apresentação de bandas musicais e agremiações infantis do grupo escolar local.

Durante sua permanência na cidade, João Neves discursou no terraço do palacete do Monsenhor Joaquim Alves, a figura religiosa mais representativa da cidade, para as pessoas que

ali estavam e, em seguida, participou de uma passeata pelas ruas da cidade. (A Gazeta de Batataes, 28 de agosto de 1932)

Depois da visita de João Neves, até o final do movimento armado, a situação em Batatais continuou estável, os jornais continuaram afirmando a vitória dos paulistas, a vibração patriótica dos soldados e omitindo as derrotas militares.

No final de setembro cessaram as hostilidades militares, e os jornais batataenses tiveram um intervalo em suas publicações. Em 13 de outubro, A Gazeta de Batatais reinicia suas edições, publicando o artigo *Trabalhar e Produzir*, de autoria de Rubens do Amaral, um apelo à ordem e ao trabalho, em busca da restauração econômica do Estado de São Paulo:

*"temos o nosso lugar entre os grandes estados e não haverá quem o arrebate. Mas, se soubermos acelerar a reconstituição das nossas forças morais e econômicas, teremos abreviado o prazo do eclipse. E, para isso, do que precisamos agora é de ordem que propicie o trabalho para que voltemos à prosperidade".*

(A Gazeta de Batataes, 13 de outubro de 1932)

Na mesma edição, esse jornal divulgou uma nota explicativa sobre o intervalo nas publicações do periódico, como também solicitou aos leitores a retomada das atividades profissionais e a compreensão do momento político. O discurso jornalístico foi direcionado para a manutenção da ordem e do retorno ao trabalho, numa tentativa de amenizar os ânimos depois da derrota militar do movimento.

O jornal A Tribuna de Batatais retomou suas publicações no dia 16 de outubro, depois de um mês e oito dias de intervalo. Nessa edição, o redator chefe, Sr. Nelson Freire Viana, publicou uma nota agradecendo aos leitores que protestaram contra a arbitrariedade da punição dirigida ao periódico.

A punição mencionada pelo redator foi a proibição de funcionamento temporário do jornal, após a publicação do artigo intitulado *Os comícios de Batatais e a falta de critério de certos homens*, no dia 8 de setembro de 1932, em que Nelson Freire Viana criticou políticos locais, principalmente membros do PRP.

Essa edição do jornal não foi encontrada, mas presumimos que tal artigo ofendeu figuras políticas representativas na cidade, pois, nos meses seguintes, o redator continuou a atacar os políticos e, de certa forma, o movimento constitucionalista também:

*"Pobre SP, pobres paulistas! Que esforço sobre-humano desperdiçastes inutilmente ... sois um povo heróico, um povo bravo, um povo dócil, um povo trabalhador ... mas, vós não perdestes a partida, mostrastes apenas do quanto és capaz. Foram os políticos quem a perderam. Os vencidos foram somente aqueles, aqueles que, vos atiraram ao sacrifício, que vos atiraram num caminho todo falso e mentirosos, abusando da sua boa fé e do vosso amor pátrio".*

(A Tribuna de Batatais, 16 de outubro de 1932)

No mês de dezembro, em uma reunião da Sociedade Recreativa 14 de Março, o redator da Tribuna de Batatais, Nelson Freire Viana, fora excluído do quadro de sócios, sob justificativa de maledicências e difamações. A exclusão desse jornalista instigou a publicação de muitos artigos ofensivos aos dirigentes do movimento de 32 e a perseguição empreendida por eles contra as pessoas que criticaram o direcionamento da revolução.

Contudo, as disputas políticas da cidade e as opiniões divergentes dos jornais sobre o movimento constitucionalista não foram os únicos responsáveis pelo intervalo das edições jornalísticas. Essa interrupção na atividade da imprensa foi ocasionada também pela permanência de tropas mineiras na localidade, um episódio possivelmente narrado pelo fiscal geral José de Freitas, num relatório sem data e sem assinatura, referente à administração do prefeito José Ordine:

*"Em 1932, dado o alarme segundo o qual as tropas vindas de Minas Gerais convergiam para esta região toda a cidade começou a ficar deserta. Todos se retiravam. As estradas, principalmente as que levavam a zona rural tinham um intenso movimento. Era gente a cavalo, de carrocinha, a pé, de bicicleta. Todos queriam fugir do invasor. Nos últimos dias, quando já quase ninguém se encontrava na cidade, também as autoridades se retiraram. Da Cadeia os presos foram levados a Quitaúna. Delegado, promotor Público e juiz de Direito, todos saíram. Este último, Dr. Francisco Cubas dos Santos, antes de*

*partir, procurou o prefeito José Ordine e, pela segunda vez, procurou convencê-lo a sair da cidade. O prefeito respondeu ao juiz o que já havia dito da primeira vez: Não tenho motivo para sair do meu cargo. Não darei um passo fora da prefeitura. Encerrado o diálogo, S. Excia. partiu.*

*As tropas federais (na sua maioria cavalaria) entraram pela estrada circundante 'a chácara do Viana, onde há hoje o viveiro de Café São Geraldo, perto da Colaba. Por sinal, que passaram pelos serviços novos, prontos e eficientes do Tomba - Carro. Ficaram aquartelado no prédio do G. E Washington Luis sob o comando do tenente Ilcon Cavalcanti, hoje general reformado do Exército. Na prefeitura todos os funcionários se foram. Para ser mais exato: apenas dois ficaram ao lado do prefeito: José Braga Morato, fiel tesoureiro e o fiscal geral José de Freitas.*

*Nada se verificou de anormal como se propalava que acontecesse. Tudo estava em ordem. Sentia-se que havia comando sobre a tropa. No segundo dia, um sargento foi até a prefeitura saber a que horas o tenente Ilcon Cavalcanti poderia ser recebido pelo prefeito da cidade. O Sr. José de Freitas desceu as escadas e disse ao militar: a qualquer hora depois das 12 horas. No dia seguinte, recebido no gabinete, o comandante legalista lamentou que as outras autoridades tivessem se ausentado. Eles não eram tropas estrangeiras, mas sim uma força que queria impedir a desunião. Em seguida o tenente Ilcon Cavalcanti disse que no dia seguinte faria uma declaração pública, ao povo de Batatais, defronte ao prédio onde se encontrava aquartelado e desejava a presença do prefeito a esse ato. Resposta do prefeito José Ordine: Estarei presente se V. S. fizer a proclamação defronte desta prefeitura; no quartel eu não vou. No dia seguinte, as seis horas da tarde, diante da bandeira brasileira e, da sacada do Paço Municipal, entre outras coisas o tenente Ilcon Cavalcanti disse: não somos invasores. Somos brasileiros e todos podem voltar seguros e calmos a suas casas. Apenas somos contra a revolução fomentada por forças estrangeiras, por grupos econômicos do aço, contrário às siderurgias, contrários aos estudos para a instalação de Volta Redonda e outros mais.*

*Mais tarde o tenente passou às mãos do prefeito José Ordine telegrama federal para que aguardasse o nome da pessoa a quem deveria passar oficialmente o cargo. O prefeito solicitou que antes fosse feito exame geral dos balancetes competentes, tendo sido elogiado pelo comando federal pela calma, precisão e energia como administrava...."*

(Anônimo, s.d)

Posteriormente, o Prof. José Pimenta Neves assumiu o cargo de prefeito municipal, nomeado pelo novo interventor paulista general Daltro Filho. Os políticos locais não concordaram com a nomeação desse professor, pois o mesmo havia criticado a deflagração do movimento de 32, motivo pelo qual recebeu ordem de prisão pelas tropas constitucionalistas, permanecendo recluso no Ginásio São José, juntamente com outro professor, o Sr. José Pinto de Carvalho, até a retirada dessas tropas no final de setembro.

(Notas Históricas, I, 1925-1938).

A disputa pelo cargo de prefeito permaneceu até a nomeação definitiva do Prof. José Pimenta Neves pelo interventor Armando Sales de Oliveira. Nesse período foi constituído o Partido Constitucionalista, o núcleo integralista e o grupo socialista na cidade de Batatais, aumentando ainda mais a cisão entre as autoridades políticas locais, principalmente durante a campanha eleitoral de 1934.

O jornalista Nelson Freire Viana continuou a atacar os partidários do PRP, e às vezes, os associava aos membros do Partido Constitucionalista:

*"(...) só podem votar com o PRP os homens de bem, sem compreensão e os bem compreendidos, mal intencionados (...)"*

(A Tribuna de Batatais, 23 de setembro de 1934)

A Gazeta de Batataes, ao contrário, não demonstrou diretamente sua posição diante das eleições, mas continuou a afirmar a vitória moral do movimento de 32 pelas urnas eleitorais:

*"(...) os paulistas perderam pelas armas, mas estão dispostos a vencer pelas urnas. E vencerão (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 26 de fevereiro de 1933)

*"(...) o pleito será uma brilhantíssima demonstração de civismo (...)"*

(A Gazeta de Batataes, 14 de outubro de 1934)

Os jornais continuaram a manifestar suas ligações partidárias, disputando posições e cargos políticos na cidade, uma atuação capaz de mobilizar a opinião pública e elaborar uma versão parcial dos acontecimentos, como aconteceu com a revolução de 1932.

SERRAZES, Karina Elizabeth. Batatais in the constitutionalist revolution of 1932.

ABSTRACT: This article reports the events concerning the constitutionalist movement of 1932 in the town of Batatais. It analyses the role of the local press in the mobilization for the war, in the legitimacy of the episodes, as well as, in the elaboration of a triumphal version of the revolution.

KEYWORDS: Press, constitutionalist movement, mobilization, public opinion, legitimacy.

#### REFERÊNCIAS

Ginásio São José. Notas Históricas da Casa Ginásio de Batataes. Batatais-SP, vol. I, 1925-1938.

Anônimo, s.d. Documento do Arquivo Pessoal de José Carlos Garcia de Freitas.

## A TRILHA DOS TRILHOS

Claudete Camargo Pereira BASAGLIA\*

RESUMO: O texto faz referências à estrada de ferro Mojiana e tenta retratar algumas situações que dizem respeito às funções sociais das estações e dos trens.

UNITERMOS: Imaginário, lembranças, Mojiana, estação, trem.

Escrever sobre o trem no Brasil, no final do século XX, não significa somente mergulhar no saudosismo ou tratar de sucateamento, significa também projetar-se para o futuro, onde o trem representa avanço tecnológico, economia, segurança e equilíbrio ecológico, uma vez que estamos falando de um meio de transporte que causa menos poluição e utiliza fonte de energia renovável.

O trem continua exercendo um fascínio muito grande nas crianças, adultos e velhos, de um modo geral, e nos artistas, poetas, escritores, músicos, de modo específico. Continua presente no imaginário das pessoas e representado por brinquedos, romances, novelas, filmes, servindo de cenário para inúmeras histórias, paixões, aventuras, intrigas.

Em nenhum outro tempo deparou-se com tanta rapidez com os meios de transporte como nos dias que correm. A comunicação é muito importante, não só para as trocas comerciais e econômicas, também para a circulação de idéias, encontros de diferentes culturas, ampliação de conhecimentos. Esses são os motivos que remetem a 1829, ano em que ficou comprovada a eficiência dos trens como meios de transportes de cargas e passageiros. Se atualmente, no Brasil, são sinônimo de decadência, sobretudo nos centros urbanos, naquele período traduziam modernidade.

Queimando lenha ou carvão, a locomotiva a vapor, que ficou conhecida como "maria-fumaça", chegava serpenteando e soltando fumaça e fagulha pelas ventas, enquanto era

\* Professora de Sociologia da Rede Pública Estadual de Ensino, das Faculdades Claretianas de Batatais, mestranda em Educação na UNICAMP e participante do grupo de pesquisa GEPEMEMO - (UNICAMP).

esperada na estação por famílias saudosas, moças e rapazes esperançosos, jornalistas em expectativa e crianças em grande algazarra. Encostava vagarosamente ao lado da plataforma e ali estavam todos com olhares curiosos, aqueles que chegavam e aqueles que esperavam. Os carroceiros e os charreteiros estavam sempre presentes, os primeiros, com esperanças de muitas encomendas, e os segundos, aguardando que algum viajante, ao chegar, precisasse da condução que levara passageiros para embarcarem no trem.



Foto da Estação de Jardinópolis, tirada em 1979, pelo chefe da referida estação, Sr. José Almeida Neto, tendo à frente seus filhos: Régis, Rosemar, Rener e Reberson (da direita para a esquerda).

Assim era o dia-a-dia da estação, que foi ficando cada vez mais importante por representar o ponto de encontro entre o mundo conhecido e o desconhecido, o vaivém de pessoas e mercadorias, o ponto de chegada e de despedida.

A partir de 1850, com a prosperidade da economia cafeeira, o Brasil reconhece a importância das ferrovias. Nesse momento, a política interna, apaziguada sob o reinado de Pedro II, a extinção do tráfico negreiro, além das vantagens de leis especiais criadas em 1852, vai favorecer o início da "era ferroviária".

Os primeiros cafezais que haviam se formado no Rio de Janeiro, em meados do século XVIII, já haviam chegado ao Espírito Santo e, percorrendo um longo caminho pelas encostas dos morros, vencendo as serras, seguindo o curso dos rios, atingiam as terras mais planas de São Paulo, de onde se espalhariam, chegando a Minas Gerais e Paraná. Em alguns

lugares chegaram na frente e em outros chegaram atrás dos trilhos. Assim foi com a linha da Mojiana, estrada de ferro que procurou antecipar a modernidade nos caminhos para onde o café se dirigia.

O café vai deixando a jornada do lombo de escravos ou mulas, dos carros de boi, para entrar no trem. A idéia de que as estradas de ferro seriam a condição de progresso para o país prevalece a partir de então.

Desse modo, ao contrário do que aconteceu com o desenvolvimento de ferrovias no mundo, que abriram novas fronteiras, as estradas de ferro brasileiras, e sobretudo as paulistas, acompanharam a marcha da agricultura na expansão colonizadora que foi desencadeada pelo café. No entanto, são elas que geram uma "consciência regional" em terras onde os seres humanos, pela primeira vez, exploram as riquezas do solo. É assim que, fato único em todo o Brasil, segundo Odilon Nogueira de Matos, em seu estudo *Café e Ferrovias*, as diversas regiões do Estado de São Paulo passam a ser denominadas e conhecidas pelos nomes das ferrovias que as servem: Zona Paulista, Zona Araraquarense, Zona Noroeste, Zona Mojiana, Zona Sorocabana, Zona Bragantina. Esses nomes enraizaram-se e dificilmente desaparecerão, pois, por mais que se empreguem os termos geográficos, permanece a força da realidade que foi a "importância das estradas de ferro para a fixação do povoamento e desenvolvimento de tais regiões". (MATOS, 1974: p. 114)

## Mojiana: a força de uma realidade

A expressão Mojiana tem sua origem no vocabulário tupi. Moji se refere ao rio das cobras ou ao rio que imita a cobra pelas curvas. Os colonizadores, ao se apropriarem dos sons, adotaram a grafia com g, que algumas cidades como Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, conservam por tradição. Segundo Silveira Bueno, a grafia Mogi é incorreta, porque no tupi g e j têm sons diferentes. Sem oferecer resistência ao argumento de Silveira Bueno e abandonando a tradição, a palavra Mojiana conservará sua origem tupi.

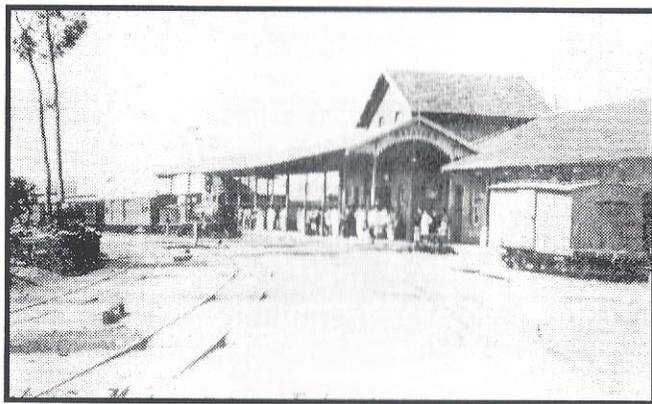
No final do século XX, a região nordeste do Estado de São Paulo detinha a vanguarda na produção de café, a expansão de uma linha que transportasse o produto até o porto de

Santos era uma necessidade real. Assim, surgiu a Mojiana, com ponto de partida em Campinas, importante cidade de conexão com a Capital do Estado e o porto de Santos.

A Mojiana foi traçada com ambiciosos planos de articular-se com Minas Gerais e ter uma linha própria que, partindo de Santo Antônio da Posse, que então se chamava Ressaca, fosse dar em Santos. Os engenheiros da Companhia Paulista criticaram a idéia. Havia uma disputa entre a Mojiana e a Paulista no sentido de buscarem para os seus trilhos, as terras dos municípios mais ricos. Porém, foi a Mojiana que levou mais longe os seus trilhos, indo além do Rio Grande, adentrando Minas Gerais, recebendo e levando influências por todo o próspero "Triângulo Mineiro", o que deu à região características peculiares onde se observam costumes paulistas em Minas e costumes mineiros em São Paulo.

Embora as paisagens paulistas destas paragens tenham sido fortemente marcadas por fazendeiros, posseiros, pelas propriedades agrícolas, foram as ferrovias que deram uma forte pincelada na composição da paisagem urbana.

Corria o ano de 1883 quando, com o entusiasmo da população, foi inaugurada a estação de Ribeirão Preto, daí partindo o trem que aproximaria cidades, vilas, vilarejos e fazendas, como Sarandy, atual Jurucê; Ilha Grande, hoje Jardinópolis; Brodowski; Batataes, que teve sua estação solenemente inaugurada por D. Pedro II, seguindo a linha do trem rumo a Franca, não sem antes passar por Macaúbas e Boa Sorte.



A Estação Ferroviária de Batatais, após a inauguração em 1886, segundo Jean de Frans.

A chegada do trem provoca grandes transformações, a começar pelos tipos de trabalho que passa a constituir. Como tudo começa a ser transportado por estrada de ferro, a Mojiana oferece muitos empregos: telegrafistas, escriturários, maquinistas, carregadores, almoxarifes. Estimula o surgimento de várias atividades correlatas e torna a cidade mais movimentada que aquelas que não recebem o trem. A cidade fica marcada pela presença da ferrovia.

Os lugares de maior referência são a "Rua da Estação", o "Largo da Estação", a "Praça da Estação", locais que passam a ser os pontos de atração para o comércio, instalação de hotéis e restaurantes que atendam aos viajantes. Assim ocorreu com o senhor Alexandre Caram, comerciante sírio, que tinha sua loja de tecidos e armarinhos a uma quadra da estação, onde também instalou a primeira bomba de gasolina de Batatais no início do século XX. Sua neta Maria Amélia Caram Sadi relata que o avô era compadre do chefe da estação, figura que ocupava um cargo equiparado ao das autoridades constituídas na cidade, tal era a importância da estrada de ferro. Conta também que com frequência ocorriam festas em frente à loja do avô, onde as famílias se reuniam, ao som do gramofone.

Com a chegada dos trilhos, muitas cidades viram surgir o "Bairro da Estação", onde moravam as pessoas ligadas direta ou indiretamente ao trabalho na ferrovia. A "Rua da Estação" seria sempre bem cuidada, pois era o cartão de apresentação da cidade. A "Rua dos Trilhos", muitas vezes, dividia a cidade em duas partes, o lado de cá e o lado de lá dos trilhos. Batatais, nesse sentido, foi uma exceção, uma vez que os Andradas, coronéis políticos de então, através de pressão, conseguiram afastar a ferrovia o mais longe possível da cidade (entendiam que a estrada de ferro iria trazer problemas sociais), o que obrigou a abertura do caminho da estação (atual Avenida Nove de Julho) e o que atipicamente nos privou do outro lado dos trilhos. O "Largo da Estação" constituía-se de um espaço privilegiado que contribuía para valorizar a importância e ampliar a beleza das estações. No caso de Brodowski, abrigou o primeiro casario, inicialmente uma casa e um armazém, que deram origem ao núcleo urbano.

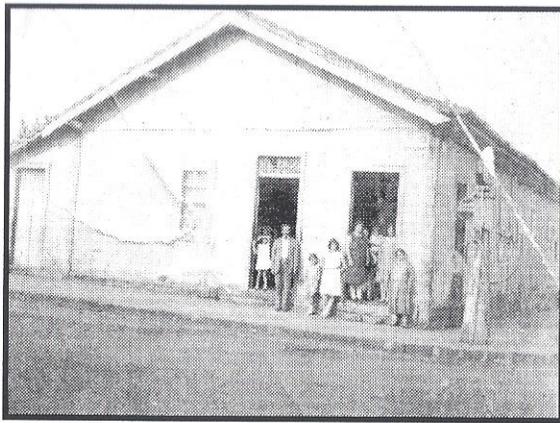


Foto da primeira bomba de gasolina, pertencente ao Sr. Alexandre Caram, datando do início do século.

Esperar o trem era um bom passatempo para aqueles que queriam ver quem chegava ou saber das novidades que os jornais da capital traziam.

O trem tinha os vagões destinados a passageiros e outros destinados a cargas, ao correio. Poderia trazer vagões especiais para gado, tropas, vagão-funerário, trem pagador e de transporte de presos ou doentes especiais, como os leprosos que embarcavam na Bragantina, com destino ao leprosário de Bragança Paulista. Podia também trazer os tão esperados rolos de filmes para o cinema, ou o circo com suas armações, animais e os alegres palhaços. Para os despachos estavam previstas as mais diversas situações: "machinas e aparelhos agrícolas, sementes e mudas de plantas, aves, cobras vivas para a Diretoria do Serviço Sanitário de São Paulo". (ALMANACH, 1908, p.39).

A estação cumpria uma função social, era o ponto de muitos encontros e desencontros. Muitas vezes, viajando de trem, os políticos faziam comícios a que grande número de pessoas que ficavam na plataforma assistiam, daí a origem da expressão atual "plataforma política".

Inicialmente a Mojiana foi construída para transportar o café, mas logo encontrou a função de transportar passageiros. Para o trajeto de Campinas a Ribeirão Preto, onde se dava o entroncamento para localidades como Batatais, Brodowski, Jardinópolis ou Franca, dentre outras, o trem gastava em torno de oito horas de viagem. Nesse caso havia o

vagão-restaurante, com mesas cobertas por toalhas brancas e vasos de flores, onde as refeições, preparadas num funcional vagão-cozinha, eram servidas por garçons. Por menor custo eram servidas refeições avulsas para aqueles que se dispusessem a comer em seu próprio assento. A grande atração dos vagões ficava por conta do baleiro, que habilidosamente equilibrava um tabuleiro e oferecia água, balas e caramelos.

Os passageiros que precisassem fazer economias de viagem levavam a própria comida, popularmente denominada matula ou farnel, ou então compravam os quitutes e frutas oferecidos nas paradas, com chamados especiais feitos pelos garotos que, nas plataformas, negociavam através das janelas. Em cada estação eram oferecidas frutas, pirulitos, doces ou quitandas típicas do local.

Com a chegada da Mojiana, novos sonhos e interesses se delinearam. Simbolizava a modernidade, significava a busca da superação do atraso. O trem transportava mercadorias, pessoas e sonhos. Sonhos de romper o isolamento e, vencendo as distâncias em grande velocidade, atingir o almejado progresso; sonhos imigrantes de vida nova e sonhos de trabalhadores rurais que viajavam para a cidade em busca de melhores condições de trabalho.

Do mesmo modo que aconteceu com outras ferrovias, a Mojiana também farejou riquezas, abriu trilhos para o "ouro verde", invadindo um território até então ocupado pelo transporte de tropas de muares, carros de boi, carroças ou lombo de escravos.

Dona Jorgina Medeiros Pereira, ao relatar suas lembranças sobre as invenções modernas de Batatais, revela que ia com as irmãs e as amigas à estação para ver o trem passar e confessa que ouviu o barulho do telégrafo sem saber do que se tratava e, com surpresa, tomou conhecimento de que eram conversas transmitidas por meio de sinais enviados por uma linha.

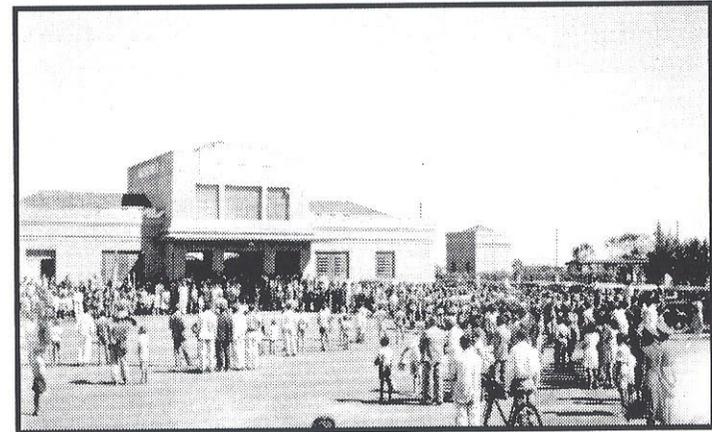
É que a partir do dia 1º de fevereiro de 1908, passaram as estações da Mojiana a enviar ou receber telegramas de qualquer localidade do Brasil ou de países estrangeiros, tarefa que passou a ser desempenhada por telegrafistas, como o morador de Brodowski, senhor Paulo Salata.

Como ferroviário aposentado, explica com detalhes que o telégrafo consiste de uma transmissão elétrica, a distância, por meio de um aparelho transmissor e outro receptor, inventado pelo estadunidense Samuel Morse. A existência do telégrafo, do telegrafista e do mensageiro era obrigatória, pois toda a comunicação do interesse das populações onde havia uma estação, inclusive as mensagens do serviço das ferrovias para a circulação dos trens, era feita pelo telégrafo, pois o telegrama representava o meio mais rápido e eficiente para comunicar-se. Com nostalgia o antigo ferroviário lembra que o telégrafo foi de grande utilidade para o progresso do mundo e que, com os avanços tecnológicos, talvez ainda seja possível encontrar um deles num canto abandonado de algum museu.

Por onde passou um trem, há sempre uma lembrança, como a de Felício Bombonato que, quando garoto, em companhia de seu inseparável amigo Rui Charles, corria rua acima para chegar em tempo de entregar o rolo do filme que havia garantido a sessão de cinema dos moradores de Batatais. Quando adulto, como construtor, ficou também conhecido por uma frase peculiar que pintara em seu caminhão: "O bom trabalhador é sempre procurado".

Certamente, muitos moradores, tanto de Jurucê, Jardinópolis, Brodowski, quanto de Batatais, têm muitas aventuras e desventuras para contar, situações ligadas ao cotidiano das estações ou do interior dos trens, como a que foi narrada pela professora Marina Mansur, contando que, numa das viagens diárias entre Batatais e Campinas, encontraram-se num mesmo vagão um trabalhador e um estudante de Medicina. Lá pelas tantas, o trabalhador começou a dormir. O estudante de Medicina lia livros e ia estudando. Quando percebeu o trabalhador dormindo, bateu-lhe nas costas e disse: "O sono em demasia entorpece a alma. Shakespeare!". E assim foi por longo tempo. Todas as vezes que o trabalhador pegava no sono o estudante batia-lhe nas costas e repetia a frase "O sono em demasia entorpece a alma. Shakespeare!" Quando chegou a madrugada, o estudante foi vencido pelo sono. Aí o trabalhador, já acordado, quando ia descer do trem, foi até o estudante, bateu nas costas dele e falou: "O bom

trabalhador é sempre procurado. Felício Bombonato!". Ou como a notícia da Folha de Batatais que, em fevereiro de 1940, deu conhecimento de uma garrafa improvisada como urna, contendo como mensagem um recorte de jornal datado de 31 de maio de 1885, possivelmente enterrada por um dos empregados que trabalhavam na construção da estação e intencionalmente deixou um registro do momento, prevenindo futuras reformas ou demolição. Conforme acertada previsão, a mensagem foi encontrada durante a reforma de 1938, quando era chefe da estação o senhor Heretiano Pereira da Costa, casado com Amaryllis Ceribelli.



A Estação Ferroviária de Batatais, após a reforma de 1938.

As estações, por muito tempo, simbolizaram o ponto de encontro entre homens de negócios, políticos, jornalistas ou adultos e crianças que simplesmente esperavam o trem para dar um aceno aos passageiros. As estações interferiam com vigor na vida urbana, mas também deixaram marcas profundas no dia-a-dia daqueles que viviam no campo e que ouviam o apito do trem como um forte apelo.

De 1930 a 1950, o ritmo de crescimento da rede ferroviária vai perdendo suas forças e passa a não atender às necessidades de modernização e ao aumento de tráfego, a partir de então, cada vez mais, vai sendo substituída pelo transporte rodoviário. Quando maiores esforços se deslocaram para a abertura de estradas de rodagem, houve um abandono do sistema ferroviário. A função social da estação vai dimi-

nuindo até desaparecer completamente. Com o passar do tempo, as áreas próximas às estações, antes tão valorizadas, vão sendo abandonadas e perdendo suas características originais, passando a constituir locais de aspectos pouco convidativos, seja pelo descaso, seja por representarem áreas de pouca segurança, compondo o universo urbano das zonas deterioradas.

Serpenteando trilhas em busca do "ouro verde", os trilhos cruzaram muitas vidas; passando por diversas e diversificadas localidades deixaram muitos rastros. Muitos acontecimentos em torno da passagem do trem ainda estão para ser contados ou mostrados através das significativas fotografias que sempre registraram os momentos importantes ligados à existência das ferrovias. Enquanto o trem continuar habitando o imaginário das pessoas, seu prestígio se manterá e seus vagões circularão carregando muitas histórias.

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. The trail of the rails. AMICUS, Batatais-SP. Ano I, nº 2 - P.

ABSTRACT: The text makes references to the railroad Mojiana and it tries to portray some situations that say respect to the social functions of the stations and of the trains.

KEYWORDS: Imaginary, memories, Mojiana, station, train.

### BIBLIOGRAFIA

ALMANACH MOGYANA- 1908-1909. *Empregados da Cia. Mogyana. Campinas, 1908.*

CORRÊA, Ariovaldo. *Brodowski: Minha Terra e Minha Gente.* São Paulo: Pannartz, 1986.

DE NICOLA, J. e INFANTE, U. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa.* São Paulo: Scipione, [s.d.].

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

MILLIET, Sérgio. *Roteiro do Café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil.* 4.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros. *Memórias de uma filha de imigrantes portugueses.* Ribeirão Preto: Villimpres, 1999.

SILVEIRA BUENO, F. da. *Vocabulário Tupi Guarani Português.* 5.ed. São Paulo: Brasilivros e Distr. Ltda., 1987.

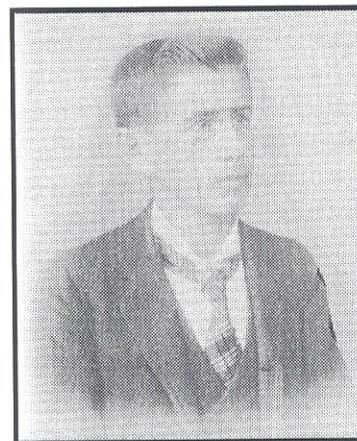
TOLEDO, V. V.; BRANCATELLI, M. D. e LOPES, H. *A riqueza nos trilhos. história das ferrovias no Brasil.* São Paulo: Moderna, 1998.

## JOSÉ AUGUSTO FERNANDES

Luciana SQUARIZI\*

RESUMO: Levantamento biográfico sobre José Augusto Fernandes que, sob o pseudônimo de Jean de Frans, foi o mais fecundo e brilhante cronista de Batatais de outros tempos.

UNITERMOS : Cronista, pseudônimos, obras diversas, dados pessoais e documentação.



José Augusto Fernandes

Os cultores da História de Batatais acostumaram-se a dar às obras de Jean de Frans – pseudônimo de José Augusto Fernandes – um papel de destaque, não apenas por seus trabalhos publicados, mas também por aqueles ainda inéditos. Podemos considerá-lo o patrono dos cronistas batataenses e ninguém pode desmentir ou diminuir. Suas obras mais conhecidas *Gente de Minha Terra* e *Bom Jesus da Cana Verde*, ambas publicadas em 1939, constituem material de referência obrigatória aos pesquisadores da história e da cultura da cidade, além, é claro, ao público em geral.

Seus textos noticiam um Batatais de outrora, do século XIX e início do XX. Suas memórias captaram admiravelmente uma época passada, podendo ser medida pelo valor-depoimento de fatos históricos reconhecidos como tais desde o início, bem como o testemunho que oferece da sociedade, pois cobre outros planos além da história política, em especial os das relações entre os seres humanos, sejam estas de afeto ou mesmo de poder, mas um poder que não se resume às formas de Estado. Entretanto, o que pouco se sabe é sobre a vida desse permanente colaborador de nossas reminiscências.

\* Licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). - Técnica em Arquivo.

Este trabalho se faz à vista de novos elementos coligidos, contribuindo assim para melhor nos situar no contexto de sua família e do seu âmbito social.

Nosso biografado, para tal tarefa, pôde ser encontrado em sua própria literatura. Preocupado em perpetuar identidades, à maneira dos memorialistas, esqueceu-se da sua autobiografia. Podemos considerar que são desconhecidos documentos pessoais ou mesmo testemunhos elucidadores de sua história pessoal, o que dificulta um contato mais próximo com o sujeito da história que pesquisamos. Resta-nos a documentação de José Augusto Fernandes, produzida pelos órgãos públicos onde este atuou como funcionário de Estado.

Vale ressaltar a preciosa documentação doada pela família de Jean de Frans, no início deste ano, e que se encontra sob a guarda permanente do Arquivo Público da Câmara Municipal.

## DADOS PESSOAIS

A ascendência paterna de Jean de Frans relaciona-se com a imigração portuguesa para o Brasil, no ano de 1815, para a então Capitania de Minas Gerais.

Entre aqueles migrantes está o senhor Felicíssimo Tomaz Fernandes, natural do Algarve, que veio para o Brasil como Juiz de Fora da dita Capitania. Casou-se com Bertolda de Alvarenga e Castro, natural de Itabira do Campo.

Do casal Felicíssimo e D. Bertolda nasceu José Umbelino Fernandes, no ano de 1820, natural de São João del Rei, avô paterno do nosso biografado, tendo se casado com D. Generosa Augusta de Loyolla – descendente dos inconfidentes de 1789 – , na cidade de Caldas, mas , muito moço ainda , transferiu-se para Batatais, mais precisamente no ano de 1839, fixando residência na Fazenda Ilha Grande, atual Jardinópolis.

Em Batatais, exerceu a advocacia, foi comerciante, lavrador, vereador e delegado de polícia. Veio a falecer aos 64 anos de idade, no ano de 1884, e sua esposa, D. Generosa, em 1907, aos 87 anos.

Do consórcio nasceram: Ermelinda Augusta, Antônio Augusto, Maria Umbelina, Mariana Augusta, Augusto José, José Umbelino e Joaquim Augusto.

Augusto José nasceu em 1854 e foi pai do nosso biografado. Como profissional, exerceu as atividades de coletor provincial e municipal, foi escrivão do Juízo de Paz, secretário do 1.º Diretório Republicano eleito e, por fim, tabelião do Cartório do 2.º Ofício. Faleceu muito jovem, aos 47 anos de idade, no ano de 1901.

Foi casado com Augusta Teixeira de Miranda, nascida em 1856 na cidade de Batatais. A mãe do nosso biografado é considerada fundadora da primeira escola para o sexo feminino na cidade, no ano de 1870. (Cardoso, 1999, p. 29) A escola funcionava junto ao cartório de seu pai, onde, durante alguns anos, também serviu de residência para a família. Esta ficava à Rua Alegre ( atual Prudente de Moraes ), em frente ao Largo do Rosário (atual Praça Dr. Washington Luís). Morou também, pelos seus relatos, à Rua do Comércio( atual Celso Garcia), esquina com a Rua do Teatro (atual Santos Dumont). Desse consórcio nasceram: Augusto Boanerges, José Augusto – o objeto do nosso estudo –, Maria Eugênia e Augusta.

José Augusto Fernandes nasceu em Batatais a 29 de agosto de 1885, sendo seus padrinhos: o Coronel Joaquim Alves – um de seus biografados – e D. Mariana Alves Freire.

Iniciou seus estudos em sua cidade natal, no então Colégio Batataense, dirigido pelos professores Moura Lacerda e Yvã Nolf Nazário.

Lendo suas memórias, percebe-se um garoto precoce para a tenra idade, ou melhor dizendo, fez da adolescência um despertar de interesses que o acompanharam pela vida afora.

Em seus artigos sobre Batatais, em 1918, na Gazeta de Batataes, inicia com a série "Teatros e Teatrizes", demonstrando toda a sua paixão na adolescência pela arte de representar, tendo sido membro e por vezes fundador das sociedades lítero-dramáticas existentes durante os anos de 1896 a 1903: Sociedade Dramática Infantil 20 de Dezembro, Sociedade Familiar 1.º de Junho, Sociedade Recreativa Lírio-Batataense, Sociedade Cívico-Literária e Grêmio José de Alencar.

Deixa-nos, de suas aventuras pela dramaturgia, já na vida adulta, duas comédias: *O Dr. Sabe Tudo* (1943) e *A Família Piteira* ( inédito desconhecido) e dois romances, *Tempo Quente* (s.d.) e *Via Sacra* (1945), não publicados.

Quanto ao jornalismo, José Augusto Fernandes assim nos escreve na obra *Bom Jesus da Cana Verde*:

"N'A Primavera (1900) fiz minha estréia, adolescente ainda, como jornalista, tomando a meu cargo a *Seção Figuras no Museu* ( grifo nosso), incumbência que me encheu de empatia, de tal modo que julguei tão bom quanto Ruy ou Quintino. É verdade que, antes disso, ( aos 13/14 anos! ), e às escondidas de meu pai, que não tolerava essas minhas exposições jornalísticas , enviava correspondências a diversos jornais do interior, como a 'Cidade de Bragança' e 'A Gazeta de Uberaba' e a 'Gazeta de Sacramento' e publicava, com o nome de 'Sem Pátria' e de parceria com João Augusto Loyolla, que assinava 'J. Verão', charadas novíssimas e logogrifos rápidos no 'Diário da Manhã' de Ribeirão Preto e no 'A Justiça', semanário monarquista da Capital... Felizmente ninguém teve a má lembrança de contar a meu pai quem fosse aquele 'Pimpão' que subscrevia aquelas figurações." (1939, p.151)

O pseudônimo mais famoso do nosso biografado foi Jean de Frans, variação do seu próprio nome abreviado J.A.Fernandes, mas não foi o único, existiram outros, a saber: Pimpão, Chico Marmanjo, Julien, Caio Hermes e Mucio Scylla.

Além de escrever, acabou por conhecer todas as etapas de produção de um jornal, pois trabalhou como tipógrafo n' O Cavador e, em 1903, juntamente com Anselmo Tambellini, fundou o periódico O Ósculo, órgão dedicado ao sexo feminino, e logo depois, A Cimitarra.

Sua curiosidade pelo mundo era crescente, aos 14 anos já era membro da Loja Maçônica Philantropia II , abandonando-a quando da sua transferência para São Paulo.

Aos 16 anos começou a servir a administração pública, como professor municipal adjunto e também como secretário da Câmara Municipal, ao tempo dos senhores intendentes municipais Dr. Renato Jardim e Dr. Miguel Cursino Villa Nova, entre os anos de 1901 a 1903.

Esta vivência com o Arquivo da Câmara Municipal de Batatais lhe dá o conhecimento necessário para bem alicerçar a história da sua cidade natal.

Em fevereiro de 1904 mudou-se para São Paulo, onde durante três anos foi escrivão de Paz do distrito de Belenzinho, comarca da Capital.

Em 1907, a convite do Doutor Washington Luís, então secretário dos Negócios da Justiça e da Segurança Pública, José Augusto Fernandes passa a integrar o quadro de funcionários desta repartição pública, sendo nomeado escrevente de Polícia da Capital . Nesta Secretaria permaneceu até 1942 - ano de sua aposentadoria -, exercendo diversas funções, desde escrevente do Almoxarifado a Diretor do Departamento Administrativo.

Mesmo com uma vida tão dedicada à administração pública, manifesta em uma de suas crônicas publicadas no ano de 1946 na imprensa local: '... que às vezes a gente comete burradas dessas ( ser funcionário público)".<sup>1</sup>

Apesar do tom de desabafo, José Augusto Fernandes não mediu esforços para deixar seus apontamentos sobre "a história da Secretaria a que dediquei a maior parte de minha existência, todas as minhas forças e à qual servi durante os longos trinta e cinco anos e sete meses".<sup>2</sup>

É de nosso conhecimento a existência das seguintes publicações : *Sinopse de leis, decretos, atos e decisões 1889 a 1915 da Secretaria da Justiça* (1917), *Repertório dos Atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo, referentes à Secretaria da Segurança Pública* (1938), *Antônio de Godói - notas biográficas* (1941), *Pinheiro e Prado - notas biográficas* (1941), *Archer de Castilho - notas biográficas* (1942), *O Primeiro Convênio Policial Brasileiro - notícia histórica* (1942); e do título não publicado: *A Secretaria da Justiça e Segurança Pública - Breve Notícia histórica de 1892 a 1943* ( 1944).

Deixa também, como não poderia deixar de sê-lo, uma homenagem à cidade que o recebeu durante anos, com o título: *Há 50 Anos - Velhas Ruas Amigas de São Paulo* ( 1943).

Aliás, nosso biografado fez também suas incursões no campo da poesia, legando-nos um livro inédito de poesias datado de 1924 e uma poesia dedicada à sua querida Batatais:

"Batataes,  
Minha Batataes sempre amiga, sempre acolhedora, hospitaleira sempre;  
Minha velha Batataes, que surgiste, há tantos à beira daquela estrada larga, silente, sinuosa, que se abria para os confins dos goiases, embalada pelas águas do arroio que te deu o nome;  
Que o Padre Bento trouxe um dia, para este campo tão lindo que Germano Moreira e Ana Luiza, doaram ao Bom Jesus;  
Que te esparramaste por estas verdejantes colinas, tão bonita, tão alegre, tão prometedora, minha boa e querida terra;  
Que foste meu sonho em minha infância distante, minha esperança na mocidade que tão longe fica, e és meu alento, nestas horas incertas do presente;  
Batataes de outrora e de hoje, sempre Batataes, minha doce Cana Verde, meu formoso Campo Lindo, das cabeceiras das Araras, do alto do Castelo, dos dois capões da velha Porteira;  
Batataes da Santa Cruz, plantada lá no alto, onde foi a força e os ciganos armavam barracas;  
Batataes da igreja do Rosário e dos terços do velho Daniel, da procissão do Fogaréu das cavalhadas, dos coqueiros do Largo, dos troles, chafarizes e das bicas; Batataes dos meus avós e de meus pais, do capitão Andrade e do coronel Pereira, do Major Garcia e do padre Joaquim, de toda aquela gente boa, e forte, e honrada, e laboriosa, que te fez assim grande, que te fez assim boa, te fez assim acolhedora;  
Batataes do meu amor e da minha saudade, de meu reconhecimento, que nunca saíste um só instante de meu pensamento e sempre estivera em meu coração;  
Batataes, aceita a homenagem muito singela, muito afetuosa, muito amiga, do mais obscuro de teus filhos;  
Batataes que eu tanto quero e tanto desejava servir, minha Batataes do Senhor Bom Jesus da Cana Verde do Campo Lindo das Araras..."<sup>3</sup>

## CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS

Os subsídios históricos deixados por nosso biografado sobre sua terra natal e sua gente podem ser avaliados em seus vários trabalhos publicados em jornais, livros e por seus inéditos encadernados e avulsos.

Deles têm maior ressonância as obras já referidas, *Bom Jesus da Cana Verde* e *Gente de Minha Terra*, da série *Batatais de Outrora*, ambas editadas em 1939, ao se comemorar a passagem do centenário do município de Batatais.

*Gente de Minha Terra* é uma obra que, de certa forma, reconstrói o trabalho de seus antepassados mais próximos; é, portanto, centralizadora de toda sua afetividade, pois é parte também de sua própria existência.

Delas se disse:

"...seus livros eram a prova de seu entranhado afeto por Batatais e pelas cousas (sic) e pessoas do seu passado – desse passado que ele reviveu em linguagem escorreita e pitoresca, dando vida a personagens de Batatais de Germano Moreira até a dos tempos mais próximos. Ele foi a crônica viva e falada da terra de São Bom Jesus da Cana Verde; foi filho antíssimo (sic) que, de longe, ressuscitava, com a pena, dando-lhes graça e vigor, às figuras dos primeiros povoadores de nossa terra. (José Teixeira de Andrade, 1947)<sup>4</sup>.

Acrescem-se, ainda, para a série *Batatais de Outrora*, dois volumes datilografados e encadernados, intitulados: *Campo Lindo das Araras* (crônicas publicadas na imprensa batataense) e *Cana Verde, Campo Lindo, Batatais* (crônicas publicadas no Correio Paulistano), datados da década de 40.

Vale ressaltar que muitos dos seus escritos não se encontram encadernados e reunidos em volumes, estando estes distribuídos pelos periódicos locais *Gazeta de Batataes* (1918 a 1920), *O Jornal* e *A Tribuna* (1943 a 1947), com pequenas interrupções. Postumamente, no *O Jornal* foi publicada a série "Autonomia Municipal".

Legou-nos ainda uma coleção de fotografias sobre a cidade, algumas até então desconhecidas, datadas do início do século XX, de valor inestimável.

Não podemos deixar de citar mais uma de suas colaborações, que merece especial destaque, afinal, demonstra o posicionamento do autor em sua época: recortou, guardou e fez anotações em dois volumes – o primeiro de conteúdo desconhecido- de propaganda política, no período de 1946 e 1947, nos idos tempos ademaristas, intitulada *A Inana continua ...*.

É de se salientar, aqui, a abundância documental recenseada nos arquivos da Câmara Municipal de Batatais e na hemeroteca do Museu Histórico e Pedagógico "Dr. Washington Luís", leva-nos a pensar na importância e necessidade de edições críticas ou mesmo uma revisão comentada de suas obras.

Faleceu em São Paulo, aos 61 anos de idade, em maio de 1947.

Casou-se em 1909 com D. Amélia de Souza Macedo, falecida em 1960, ascendente do autor Ulissipo – Antônio Souza Macedo.

Foram seus descendentes:

- Maria de Lourdes, nascida em 1910, professora, que foi casada com Alexandrino José Paiva de Oliveira. Filhos: José Augusto e Maria Amélia;
- Augusto José, nascido em 1912, médico, que foi casado com Célia Kuhlmann. Filhos: Maria Amélia, José Augusto, Luiz Augusto, Augusto José, Guilherme Augusto, Maria Carolina e Maria Célia;
- Maria Augusta, nascida em 1915, professora, que foi casada com Juan Francisco Ricardo Pandifo. Não tem descendência.
- Maria Bernadete, de quem não se tem dados.
- Maria José, nascida em 1920, casada com Vicente Perlamagna. Filhos: Ricardo Augusto, Vicente Maria e Maria Cristina.
- José Augusto, de quem não se possuem dados.

Ninguém melhor do que Jean de Frans soube descrever o cotidiano de Batatais, pessoas, costumes, festas, associações, evolução política, imprensa, logradouros públicos e ruas. Destas, destacou-se a então conhecida como "Rua do Outro

Mundo", que, a partir de 9 de julho de 1947, passou a se chamar Rua José Augusto Fernandes, em justa homenagem a nosso biografado.

SQUARIZI, Luciana. José Augusto Fernandes. AMICUS, Batatais-SP, ano I nº 2- P.

ABSTRACT: Biographic survey on José Augusto Fernandes . Under the pseudonym of Jean de Frans , he was the most fecund and brilliant writer in the old times of Batatais.

KEYWORDS: writer, pseudonym, personal information, documentation.

#### Referências

##### a) Arquivo da Câmara Municipal de Batatais

- 1 - Fundo José Augusto Fernandes. DOCUMENTAÇÃO PESSOAL. volume: Campo Lindo das Araras – JOAQUIM DIAS MARTINS. p. 177.
- 2 - Fundo José Augusto Fernandes. DOCUMENTAÇÃO PESSOAL. volume: A Secretaria da Justiça e Segurança Pública – Breve Notícia histórica de 1892 a 1943 ( 1944). Prefácio.

##### b) Periódicos:

- 3 - Batataes. *O Jornal*, Batatais, SP, ano X, n.º 421, 13 de julho de 1947, p. 1.
- 4 - José Augusto Fernandes. *O Jornal*, Batatais, SP, ano X, n.º 412, 11 de maio de 1947, p. 1.

##### c) Livros:

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso (organizadora) *IESA de Ouro (1948-1998)*, s.c.p., Batatais, 1999.

FRANS, Jean de. *Bom Jesus da Cana Verde – Batatais de Outr’ora*. Gráfica Paulista, 1939.

\_\_\_\_\_. *Gente de minha Terra – Batatais de Outr’ora*. Gráfica Paulista, 1939.

## A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA EM BATATAIS\*

Walter CARDOSO\*\*

RESUMO: A implantação da República em Batatais ocorreu no dia 17 de novembro de 1889, por iniciativa de Herculano de Freitas, advogado, que chegou a ser Ministro do Supremo Tribunal Federal. Para sua implantação, houve contribuição do clube republicano local.

UNITERMOS: República, Monarquia, “La Marseillaise”, cidadãos.

*“...na tarde de 15 de novembro de 1889, em Ribeirão Preto, recebi (...) uma comunicação da proclamação da República...”*

(Herculano de Freitas, em 14 de novembro de 1910)

### 1. INTRODUÇÃO

17 de novembro de 1889. Em Batatais, na estação da Mogiana, aguarda-se a chegada de Herculano de Freitas (1865-1926), advogado formado pela Academia do Largo de São Francisco, em 08 de março de 1889. Residente em Ribeirão Preto, ele virá instalar o Governo republicano na cidade, coroando assim aquele movimento local, iniciado oficialmente em 29 de julho de 1888, quando se fundou na cidade o Clube Republicano.

Quais os segmentos aos quais pertencem os republicanos?

Sabemos que no “Manifesto Republicano” de 1870, para mais de cinquenta aderentes, recrutados em centros urbanos, em sua maioria profissionais liberais, figura apenas um fazendeiro (Holanda, 1972, V, p. 261). Pouco depois, no Congresso de Itu (1873), a Comissão Permanente eleita era formada por três fazendeiros, dois advogados, um jornalista e um capitalista. No Congresso Republicano Provincial de 1878, a comissão então eleita ficou com os integrantes de 1873, acrescentando-se mais um fazendeiro e um médico. Portanto, entre os republicanos paulistas, a presença do setor rural sempre foi marcante.

\*Comunicação apresentada na VIII Semana de História, UNESP-Franca-SP, 1989.

\*\*Doutor em História. Professor orientador no curso de pós-graduação da UNESP, “campus” de Franca.

Quanto a Batatais, é difícil precisar os segmentos aos quais pertencem seus republicanos "históricos". Segundo Jean de Frans (1939, p. 113 e segs.), por ocasião da segunda assembléia do clube, realizada a 6 de janeiro de 1889, compareceram 16 cidadãos que, por certo, constituem as primeiras adesões à causa. Dentre estes, cinco pertencem à família de João Ferreira da Rosa, bacharel em farmácia e lavrador, secretário da primeira reunião. Figuram ainda os nomes de três doutores e, em se tratando de centro urbano incipiente, os demais membros deveriam ser lavradores e comerciantes.

O partido não possui muitos simpatizantes, mas reina na estação grande animação. Fita vermelha à lapela, espera-se impaciente o trem que não deve tardar. A banda de música já está preparada para executar "La Marseillaise". Mesmo porque

*Le jour de gloire est arrivé*

Às pessoas menos avisadas, pode parecer estranho que se comemore o advento da República no Brasil, ao som do hino francês. Ocorre que, no ocaso da Monarquia, sobretudo no ano do primeiro centenário da Revolução Francesa, inúmeras são as analogias que se estabelecem entre os dois movimentos. Aliás, já no manifesto dirigido "Aos Republicanos", publicado em A Província de São Paulo, de 16 de julho de 1887, registra-se que "os republicanos em 14 de julho de 1889 não possuíam escravos" (Apud Debes, 1975, p.32). Sugestivo é o título Almanak Republicano Brasileiro para o Anno de 1889. Homenagem ao Centenário da Revolução Francesa, então comemorado. Acrescente-se ainda ao menos que "até talvez por 1910, era comum a banda de música executar a Marselhesa. Naquele ano muitas delas tomaram parte nos cortejos de 16 e 17 de novembro, acompanhando os republicanos..." (Almeida, 1969, p. 62).

## **2. A CAMINHADA TRIUNFAL DE 17 DE NOVEMBRO DE 1889**

Assim, enquanto o trem de Ribeirão Preto não chegar, perdurará intenso burburinho e ansiedade. Movimento comparável a esse ocorreu na estação ferroviária talvez somente uma vez, três anos antes. Foi por ocasião da inaugu-

ração oficial do prolongamento da linha da Mogiana que, de Ribeirão Preto, estendeu-se até Batatais. Tal fato verificou-se no dia 25 de outubro de 1886, quando ao meio-dia chegava o trem conduzindo D. Pedro II e Da. Teresa Cristina.

Para recepcionar tão dignos visitantes, compareceram as principais autoridades locais, bem como pessoas de grande prestígio: o vigário da paróquia, ostentando sobre a batina a comenda da Ordem da Rosa; o Juiz de Direito; o Juiz Municipal, Dr. José de Azevedo Marques, jovem que posteriormente ocuparia o cargo de Ministro do Exterior (Frans, 1939, p. 113). Incorporada, estandarte conduzido pelo seu secretário, dirigiu-se a Câmara Municipal à estação, a fim de dar as boas vindas a Suas Majestades Imperiais, que então se faziam acompanhar pelo "Conselheiro Antonio Prado, Ministro da Agricultura; Barão de Parnaíba, Presidente da Província; Visconde de Paranaguá, Barão de Sabóia, General Miranda Reis e diversos repórteres de Jornais da Corte, de São Paulo e Campinas" (Ata de 25/08/1886, p. 63 e segs). Grande massa popular ocupava a estação e suas imediações, subindo ao ar muitas girândolas de foguetes, tudo ao som de músicas italianas e do Hino Nacional.

Para chegar ao centro, a luzida comitiva percorreu trecho de mais de um quilômetro, pelas ruas da pequena cidade, que então se revestia das maiores galas. "Arcos de bambu e bandeirolas de papel multicolor adornavam as praças e ruas" (Arantes, 1958, p. 5 e segs.) À tarde, terminada a visita à cidade, onde se cumpriram todas as formalidades de praxe, não faltando o lauto almoço e os brindes ao Imperial Casal, a comitiva regressou à estação, para seu retorno a Ribeirão Preto. Então, "metido num costume de veludinho azul-marinho, com calças curtas abotoadas aos joelhos, compridas meias brancas, sapatos de verniz, cabeção de renda e gravata escocesa" (Arantes, 1958, p. 9), lá estava o menino Altino Arantes, incumbido de fazer a saudação a Suas Majestades. Pelo que nos registram suas memórias, aquele que viria a ser Presidente do Estado cumpriu razoavelmente sua missão.

Mas, voltemos ao dia 17 de novembro de 1889, na estação de Batatais. Cerca das nove horas da manhã, um longo silvo de locomotiva anuncia que a composição está prestes a encostar na plataforma. Após o desembarque de Herculano de Freitas, forma-se o cortejo que segue para o

centro da cidade. À frente, vai a banda de música, de vez em quando executando "La Marseillaise". Seguem-na os propagandistas da República, acompanhando o enviado de Ribeirão Preto. Segundo este, a República fora organizada para "garantir a felicidade deste país, e que a República, por seu Governo, esperava que todas as instituições, que todos os funcionários haviam de aderir ao magno acontecimento" (Ata de 17/11/1889. p. 68V e 69). Outra é a visão do irônico Jean de Frans, para quem a multidão anônima, eternamente ingênua e "Maria vai com as outras" (Frans, 1939, p. 115), seguia atrás, interpretando aquele acontecimento como nada além de um espetáculo muito bonito. Talvez, principalmente quando a banda toca e alguém mais versado em francês cantarola aquela estrofe que exorta à caminhada:

*Marchons, marchons,  
Qu'un sang impur  
Abreuve nos sillons.*

### **3. 17 DE NOVEMBRO DE 1889, DIA DE FESTA PARA OS "CIDADÃOS" BATATAENSES**

O que é Batatais nesse dia? Cidade desde 04 de abril de 1875, foi, dezesseis dias depois, elevada à sede de Comarca. A instalação da mesma ocorreu no dia 02 de agosto de 1875, na casa do Juiz de Direito da Comarca, Dr. Simpliciano da Rocha Pombo. Pertenciam a Batatais as seguintes localidades: Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Mato Grosso, depois Altinópolis; Distrito da Ilha Grande, depois Jardinópolis; a localidade onde a Mogiana veio a construir a estação de Brodowski.

O município, que no ano de sua elevação à cidade chegou a exportar 20.000 arrobas de toucinho, conta em 1889 com 60 fazendas, das quais 20 são de café. A imprensa local tem como principal jornal o Treze de Maio, semanário redigido por Afonso Froemberg, 2º secretário do clube republicano. A cidade possui ainda "2 açougues, 4 alfaiatarias, 1 salão de bilhar, 1 salão de barbearia, 7 capitalistas, 3 advogados, 2 engenheiros, 4 médicos, 6 oficinas de carpintaria, 3 marceneiros, 2 bandas de música, 13 engenhos de

serra, 7 engenhos de cana, 1 entalhador, 11 casas de fazendas, armarinhos e ferragens (...), 1 fábrica de cerveja, 3 ferrarias, 1 fogueteiro, 3 funilarias, 11 casas de gêneros da terra, 1 hotel (...), 9 casas de secos e molhados, 6 máquinas de beneficiar café, 4 olarias, 3 ourives, 2 padarias, 3 farmácias, 3 selarias, 2 ferradores, 2 trançadores, 4 guarda-livros e 1 tipografia"(Frans, 1939, p. 123).

No Largo da Matriz, centro da cidade, tecem-se nesse dia 17 de novembro os mais variados comentários. Dentre estes, aqueles relativos à consolidação do sentido da expressão "cidadão". Aliás, uma leitura dos documentos da Câmara Municipal mostrar-nos-á que, nos últimos anos da Monarquia, passam a ser freqüentes as referências aos "cidadãos". Tal é o caso de Gabriel José Pereira, que prestou juramento a vereador em abril de 1887, na condição de eleito (Livro de 07/02/1865 a 17/03/1902, p. 62V e 63). Na Câmara Municipal, em abril de 1889, consta que, quando o Conde d'Eu passara pela cidade, entregara este "a pedido do cidadão José Augusto Cardoso Vieira, a quantia de 100\$000 (cem mil réis), para ser aplicado às obras do teatro..." (Ata de 08/04/1889, p. 43V). Tal pedido seria apenas um pretexto para que o solicitante, em ato de provocação se identificasse como cidadão? No dia seguinte, registra-se uma representação pleiteando local próprio para o armazenamento de víveres, porque os atravessadores estavam produzindo a fome no município. O documento foi assinado por "225 cidadãos nacionais e estrangeiros, em cujo número se notava muitas pessoas gradadas ao lugar" (Ata de 09/04/1889 p. 45). Poucos dias depois a Câmara nomeava os "cidadãos" Manoel Nicolau Rodrigues e José Batista Ferreira Nobre, para que estes determinassem o local em que deveria ser aberto um beco, no Arraial de São José do Morro Agudo (Ata de 11/04/1889, p. 47). Quando a Câmara necessitou nomear fiscais, ficou encarregado de "provê-los no emprego o Sr. Presidente, sobre proposta do Secretário, que se incumbiu de verificar qual o cidadão capaz de exercer o cargo" (Ata de 12/04/1889, p. 48 e 49). Para fiscal de Aparecida da Ilha Grande indicava-se o "cidadão José Firmino da Silva" (Ata de 13/04/1889, p. 59). Finalmente registre-se ao menos que, quando os habitantes de Mato Grosso solicitaram a abertura de um caminho, "a Câmara resolveu nomear

uma comissão de cidadãos: Heitor Marques d'Arantes e Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, para examinarem a questão..."(Ata de 11/12/1889, p. 64).

Agora, após aquela caminhada triunfal, todos se consideram efetivamente cidadãos vitoriosos. Por essa razão, permanecem nos tímpanos, de maneira a um tempo indelével e agradável, aquelas notas musicais correspondentes à exortação:

*Aux armes, citoyens!  
Formez vos bataillons,*

#### 4. 17 DE NOVEMBRO DE 1889, "PRIMEIRO DA REPÚBLICA"

Compõem a Câmara os seguintes vereadores: Tenente-Coronel Manoel Teodolindo do Carmo, lavrador e capitalista; Coronel Francisco Arantes Marques, negociante; Caetano Leite Machado, farmacêutico, antigo inspetor literário e professor público; Joaquim Camilo de Lellis, lavrador; José de Andrade Diniz Junqueira, lavrador; José Garcia Lopes da Silva, lavrador; Gabriel José Pereira, capitalista; José Francisco de Paula, negociante; Diogo Antonio Martins, fazendeiro. Portanto, cinco de seus membros são fazendeiros ou lavradores, dois são negociantes, dois são capitalistas (um deles também lavrador) e um farmacêutico.

Sob a presidência de Manoel Teodolindo do Carmo (noblesse oblige...) com o comparecimento dos vereadores Francisco Arantes Marques, Caetano Leite Machado e José Francisco de Paula, abre-se a sessão. Diante da massa popular, o Presidente declara que o Brasil acaba de passar ao Governo Republicano. Por seu lado, a Câmara espera "que havia de ser um Governo de ordem e paz, para fazer a felicidade de todos e da Pátria" (Ata de 17/11/1889, p. 68 V). Em seguida, Herculano de Freitas faz caloroso pronunciamento, enaltecendo as virtudes do regime que se instaura. O povo extravasa seu entusiasmo e, sob vivas à República, com o acompanhamento de "La Marseillaise", encerra-se a sessão. Sua ata, redigida ainda pelo secretário Antonio Joaquim da Silva Trovoada, já faz referência à data como "primeiro ano da República". Ela é assinada por 129 cidadãos presentes.



## Palácio do Governo Provisorio da Provincia de São Paulo

*16 de Novembro de 1889.*

*2.ª Sessão*

### Circular

*Fendo assumido a administração da provincia o Governo Provisorio aclamado pelo povo e confirmado pelo Governo Provisorio da Republica Brasileira, communico esse facto a essa illustre e patriótica corporação popular, contando com a adhesão não só dos Dignos Vereadores que a compoem como tambem de seus municipes.*

*Entretanto, o Governo Provisorio espera do patriotismo de todos os brazileiros residentes nesta provincia, com o franco pronunciamento de suas adhesões à actual ordem da coisa, a leal cooperação para que seja mantida a ordem, o respeito a todos os direitos legitimos e a paz publica em que reside o regimen de liberdade plena que se acaba de inaugurar.*

*Deus Guarde a Vm. etc*

*Prudente de Moraes  
Joaquim de Souza Mursa  
Francisco Pestana*

*Srs. Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Batatais.*

Circular do Governo Provisório, datada de 16 de novembro de 1889, informando à Câmara Municipal de Batatais, que assumira a administração da Província. Assinam: Prudente de Moraes, Joaquim de Souza Mursa e Francisco Rangel Pestana. (Documento do Arquivo da Câmara Municipal de Batatais).

É curioso registrar que nela constam apenas seis assinaturas de republicanos "históricos" locais. Ausências forçadas ou defecções?

Ainda que a Câmara tenha aderido ao novo regime, vai se criar, por proposta de Herculano de Freitas, um Governo Provisório, composto pelos seguintes cidadãos: Manoel Antonio Furtado, Martinho Ferreira da Rosa e Eduardo Garcia de Oliveira. Os dois primeiros, como já se viu, pertencentes ao grupo precursor dos 16 republicanos "históricos". Nesse momento, eles são os que mais se opuseram a

...ces farouches soldats.

### 5. O "SENTIDO" DA ADESÃO. VALEU A PENA?

Quando se registra que a massa popular não teve consciência do que estava acontecendo, não se quer dizer que Batatais fosse menos politizada que as demais cidades. Sabemos que no próprio Rio de Janeiro – onde as massas urbanas estavam mais próximas dos eventos políticos – o povo teria, segundo Aristides Lobo, assistido "bestializado" à parada militar da Aclamação (Fausto, 1977, VIII, p. 15). Passado exatamente um ano, "instalou-se, no Paço de São Cristóvão, a Assembléia Constituinte, sob a indiferença do povo da Capital Federal" (Faoro, 1995, II, p. 551). Todavia, se a República não representava as aspirações das massas, não se pode negar que houve todo um processo apoiado em plano ideológico, com lideranças e devidamente articulado, o que permitiu que se chegasse aos fins almejados.

No caso de Batatais, deve-se considerar que o clube propunha-se a manter contatos com os republicanos de São Paulo e que, ainda no ano de sua formação, promovera na cidade uma conferência alusiva à causa, proferida pelo Dr. José da Costa Machado e Sousa, ativo propagandista da República. Advogado e fazendeiro em São José do Rio Pardo, o conferencista foi também editor do jornal *O Tiradentes* dessa cidade (Boherer, s.d., p. 117), onde Francisco Glicério esteve a serviço da causa republicana. Considere-se ainda que Afonso Froemberg, cujo nome figura dentre os republicanos desde

1888, era redator do jornal *Treze de Maio*, nome bastante significativo. João Ferreira da Rosa, como já se registrou, também republicano dos primeiros tempos, dera a sua farmácia o significativo nome de "14 de julho". Portanto, havia ao menos um grupo que, embora não fosse numeroso, tinha consciência do momento político que então se vivia.

O presidente da Câmara Municipal de Batatais era Tenente-Coronel da Guarda Nacional, corporação que, como se sabe, fora criada com o objetivo de manter a ordem vigente, o que vale dizer, servir ao Governo conservador. Assim, poderia causar estranheza seu discurso em louvor ao novo regime, proferido em 17 de novembro, ocasião em que teria colocado o emblema republicano na lapela (Frans, 1939, p. 116). Em abono a Manoel Teodolindo do Carmo reconheça-se que o Governo Municipal encontrava-se diante de um fato consumado, contra o qual qualquer medida de resistência seria inútil.

Por outro lado, naquele momento de entusiasmo republicano, quando se acreditava entrar em um regime de igualdade, parecia que a expressão "cidadão" passaria a ocupar o espaço até então reservado aos portadores de títulos concedidos aos oficiais da Guarda Nacional. Assim, em lugar de coronéis, majores ou capitães, os partidários do igualitarismo esperavam que o mesmo tratamento fosse dispensado a todas as pessoas. Não foi bem assim o que aconteceu, pois a República continuou a se valer da antiga instituição. Somente em 1918 é que se dissolveram as unidades, comandos e serviços que formavam a Guarda Nacional (Art. 22 do dec. nº 13040, de 29/05/1918). Entretanto, ressalvaram-se os direitos e prerrogativas dos oficiais dessa corporação, regulamentando-se o aproveitamento dos mesmos no Exército de 2ª Linha (Leal, 1975, p. 216).

Em Batatais, outro não poderia ser o desfecho: se no primeiro momento republicano as patentes da Guarda Nacional pareciam estar ofuscadas, estas não tardaram a ressurgir, adaptadas aos novos tempos, ocupando importantes espaços na política local.

\* \* \*

Quanto a Herculano de Freitas, pode-se dizer que sua participação no processo republicano não se limitou à glória efêmera vivida em Batatais. Tendo ingressado na Congregação da Academia do Largo de São Francisco em 1890, como professor de Notariado, foi, a partir de 1896, lente catedrático, inicialmente de Direito Criminal e depois de Direito Constitucional. Com essa cátedra permaneceu até 1926, ano em que foi investido no Cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Ligado por laços familiares a Francisco Glicério – este signatário da Constituição Republicana de 1891 -, Herculano foi, como jornalista, o principal redator do periódico oposicionista *A Nação*, cujo primeiro número circulou em 1897. Foi líder governista na Assembléia Estadual e, entre outras atividades, membro das comissões revisoras da Constituição do Estado de São Paulo, dos anos de 1901, 1905, 1908 e 1911.

Republicano convicto, fez, em 14 de novembro de 1910, significativo pronunciamento no Senado de São Paulo, o qual merece ser transcrito, ao menos parcialmente:

“Nestes vinte e um anos percorridos, de crises diversas, de vacilações repetidas, é certo que o regime se aclimatou, se consolidou, assegurando a sua estabilidade permanente na integração americana das instituições democráticas.

Não temos tudo feito, porém. Si a unidade nacional permaneceu, si a autoridade, depois das crises revolucionárias, se firmou, ainda se pode ter alguma coisa de lutar no sentido da organização sistemática das aspirações liberais do país. Contingências naturais, perturbações sempre possíveis em todos os regimes de governo, o têm talvez impedido, mas é certo que não pode deixar de ser aspiração de todos os republicanos – um governo verdadeiro de opinião, de crítica, de publicidade, isto é, por uma colaboração recíproca entre governantes e governados, entre as autoridades e as massas populares do país.

É esse o caminho que os republicanos devem almejar, é esse o sonho para que devem todos dirigir-se, porque não se pode compreender a sinceridade republicana sem a verdade da prática do regime, e a prática do regime não pode existir sem a influência decisiva e avassaladora da opinião sobre as classes dirigentes, sobre o espírito dos governantes”. (Annaes, p. 204).

Certamente, os mais humildes também deveriam estar no rol dos ideais republicanos. Pelo menos, é o que se depreende do registro seguinte: naqueles tempos, ainda se encontravam no Rio de Janeiro os derradeiros seresteiros boêmios, que tocavam graciosamente em batizados, casamentos e aniversários. Era aquele baile “puxado ao leitão, ao peru, galinhas, muitas bebidas, como cervejas, vinhos, licores, etc.” (Pinto, 1978, p. 39). Mas como esses músicos nada recebiam para tocar, parece claro que necessitavam um emprego, de preferência público. Assim, graças à interferência de Herculano de Freitas, o exímio flautista “chorão” Leite Alves, conhecido nas rodas de pagodes cariocas, obteve sua nomeação para o cargo de servente do Tesouro Nacional. Saudosos tempos da República Velha...

CARDOSO, Walter. The implement of republican government in Batatais. AMICUS. Batatais-SP, ano I nº 2 P. 2000

ABSTRACT: The republican government was implemented in Batatais in November 17th, 1889, due the effort of the lawyer Herculano de Freitas, who became Minister of the Supreme Federal Court. The local republican club contributed for its implementation.

KEYWORDS: Republic, monarchy, “La Marseillaise”, citizen.

#### REFERÊNCIAS

##### a) Manuscritos

Atas da Câmara Municipal de Batatais.  
Livro de Lançamento de Termo de Compromisso de Vereadores.

##### b) Bibliografia

ALMEIDA, Alouísio de. “Folclore da Banda de Música”, in Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura, Jan-Mar 1969, vol. CLXXVI e XXXII.

ANNAES do Senado do Estado de São Paulo, 1911.

ARANTES, Altino. *Passos de meu caminho*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1958, p. 5 e segs.

BOHERER, George C. A. *Da Monarquia à Republica*, trad. Rio de Janeiro, M.E.C., s.d.

DEBES, Célio. *O Partido Republicano na Propaganda (1872-1889)*. São Paulo, s.e., 1975.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 10<sup>a</sup>. ed. São Paulo, Globo, 1995, 2 V.

FAUSTO, Boris (dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, DIFEL, 1977, vol 8.

FRANS, Jean de. *Bom Jesus da Cana Verde (Batataes de Outr'ora)*. São Paulo s.e., 1939.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, DIFEL, 1972, vol. 5.

LEAL, Victor Nunes, *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro*. Rio de Janeiro, Funarte, 1978 – Edição Facsimilar.

## FRAGMENTOS DE MEMÓRIA: A FÁBRICA DE CHAPÉUS (1925-1953)

Alessandra BALTAZAR\*

RESUMO: A antiga Fábrica de Chapéus, que foi fundada no bairro do Castelo em 1925, constituiu, em seu tempo, empreendimento dos mais importantes. A exemplo do que ocorreu com indústrias similares, essa fábrica entrou em decadência, principalmente porque o chapéu passou a ter pouco consumo.

UNITERMOS: Castelo, fábrica, chaminé, crise, chapéu.

### 1. A RUA DO CASTELO

Quem transita pela Avenida Nove de Julho de Batatais, talvez não saiba que a mesma foi o palco não apenas de grandes desfiles cívicos e belas festas do carnaval de rua durante as décadas de 80 e 90. Sua história começa quando, com a instalação da Estação da Companhia Mogiana, em 1886, surgiu a necessidade de ligação do então núcleo urbano com a linha férrea. Tal ligação serviria tanto para o escoamento da produção, como para facilitar a chegada das pessoas e de materiais provenientes de outras cidades.

Essa grande avenida foi, e sempre será, uma das principais vias de acesso ao centro da cidade e, por que não dizer, de acesso à própria cidade, se considerarmos a época em que era conhecida como a Rua da Estação ou Rua do Castelo. Já em 1900, ao tempo da administração de Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, o Engenheiro Dr. Carrão, nas justificativas de seu projeto de melhoramentos dessa rua, assim argumentava:

*"A rua do Castelo já pela sua grande extensão, já por ser a artéria por onde escoo, todo o comércio que procura a Estação de Ferro Mogiana, já pela beleza natural que ela possui é digna de todos os melhoramentos, por ser a rua mais bela de Batatais..."<sup>1</sup>*

\* Arquiteta e urbanista. Formada pela UNESP, "Campus" de Bauru.

Posteriormente, a Rua da Estação passou a se chamar Avenida Dr. Rebouças (em homenagem ao engenheiro da Mogiana, Dr. José Pereira Rebouças), mantendo sua característica de principal via de ligação entre a Estação e o centro comercial da cidade.

A impressão causada pela avenida aos que desembarcavam deve ter sido das mais favoráveis. Pelo menos, é o que se depreende do registro abaixo:

*"Manhã de sol quente, cantante com a brisa suave e carinhosa a aliviar-me o peso de uma noite mal dormida....embarquei na estação da Mogiana em direção à cidade de Batatais.a natureza tudo parecia anunciar os momentos de emoção e de prazer que me esperavam!..."*

*O comboio corria... corria vertiginosamente, como que acompanhando as palpitações na ânsia infinita de chegar à cidade até então para mim desconhecida, como se fosse Israel em demanda à Terra Prometida."*

*"Eis que o chefe anuncia, Batatais!*

*Apressadamente desci à estação, espaçosa e bem construída, encaminhei-me para a saída, e qual não foi a minha sensação agradável, ao deparar logo em frente as escadas com uma magnífica avenida! Estava lançada a base inabalável do alicerce do castelo grandioso, que minha imaginação havia construído do progresso daquela bela cidade.*

*Tomei um auto e mandei tocar para o hotel.*

*O sol, que ia alto despejava em catadupas sobre a terra, fios de ouro que se misturavam com a natureza perfumada numa vertigem de cristais luminosos.*

*E o auto deslizava suavemente, deixando para trás a avenida, e atravessando ruas bem calçadas, ladeadas de prédios de aspectos agradáveis.*

*E as emoções iam se multiplicando à proporção que o auto avançava!*

*Aqui as pequenas oficinas, ali grandes casas comerciais, espelhos mágicos da grandeza da Pátria.*

*Súbito, surge uma chaminé a vomitar fumaça que subia em espiral para as regiões etéreas, como que ameaçando empalidecer o abajur azul! Logo em seguida o silvo clássico de uma locomotiva a anunciar a hora do almoço; era uma fábrica de chapéus, instalada num edifício grandioso, cujos portões se abriram e uma centena de operários precipitaram-se na praça, dominados por uma alegria intensa! ..."<sup>10</sup>*

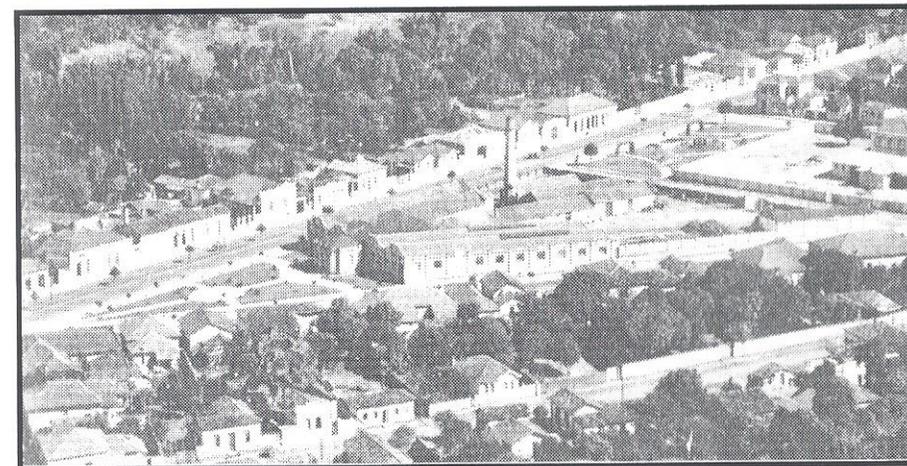
O autor das linhas acima refere-se à indústria fundada por Affonso Vieira de Lima e José Pereira da Silva, vereadores atuantes na cidade. Inicialmente chamada de "Fábrica de Chapéus Oeste", seu nome foi modificado para "Fábrica de Chapéus Affonso Vieira", quando um de seus fundadores faleceu, em 19 de abril de 1925.

Na verdade, as décadas de 1910 e 1920 foram marcadas pelos projetos de aterramento, calçamento e alinhamento das ruas do centro da cidade, instalação da rede de esgotos e do serviço de força e luz.(a cargo da empresa Duarte & Aranha e Companhia Melhoramentos de Batataes), saneamento, embelezamento das praças, jardins e emplacamento das vias públicas.

O próximo passo para o desenvolvimento urbano de Batatais foi a instalação de novas edificações e fábricas, com grande incentivo da administração local, através da concessão de terrenos para a construção de casas operárias e isenção de impostos para as fábricas.

## 2. A FÁBRICA DE CHAPÉUS

É nesse contexto que surge a Fábrica de Chapéus. A área para a sua construção foi concedida aos então vereadores no dia 10 de dezembro de 1924, compreendendo uma quadra de forma triangular, cujos lados eram limitados pela travessa da Santa Cruz, Avenida Dr. Rebouças (atual Nove de



Fábrica de chapéus (1925 - 1953)

Julho) e Rua do Jardim (atual Rua Marechal Deodoro).

Projetada por Rômulo Rigotto, a Fábrica de Chapéus destacava-se na paisagem por sua arquitetura industrial de dois pavilhões modulares, acompanhando o formato triangular da área. Seu estilo é o que pode ser denominado de moderno para a época, com seus pavilhões repletos de vitrôs, que abriam apenas a bandeira superior. O setor administrativo da fábrica ficava em um bloco separado na frente do edifício, setorizando, assim, as atividades da mesma.

Foi a empresa Rigotto & Cia que também realizou o serviço de calçamento do passeio ao redor da fábrica, com medidas de 150 X 82 X 131 metros, em 1926.

Os jornais locais da época tiveram importante papel no incentivo ao desenvolvimento econômico da cidade. A instalação de fábricas no município foi divulgada com grande empolgação e estímulo por parte da imprensa:

*"Esteve nesta cidade o Sr. Antônio de Nardo, representante da Fábrica de Chapéus Colombo, de São João da Boa Vista. Ss. que se desligou da firma como um de seus sócios, pretende fundar nesta cidade uma fábrica de chapéus de feltro, iniciando essa indústria com o capital de 200 contos de réis.*

*O Sr. Antônio de Nardo já tem conhecimento da nossa lei municipal de proteção à indústria e não deixou de gabar a cidade pela sua limpeza, higiene e melhoramentos materiais...."*<sup>7</sup>

*"(...). A segunda notícia que vamos dar é a de um outro importante estabelecimento industrial que também se pretende montar nesta cidade. Trata-se de uma fábrica de chapéus com o capital não inferior a 300 contos de réis, sendo iniciador desse notável trabalho o Sr. Affonso Vieira, moço distinto, agricultor neste município, agora eleito vereador à nossa Câmara Municipal. Como se vê, abre-se para Batatais uma esplêndida fase de desenvolvimento cujo resultado há de ser o fator eloqüente da nossa riqueza e prosperidade."*<sup>6</sup>

A inauguração da Fábrica de Chapéus se deu no dia 12 de outubro de 1925, após a conclusão da construção de seus dois pavilhões na Praça Municipal, bairro do Castelo, e foi divulgada tanto nos jornais locais como nos da região:

*"Como temos noticiado, é amanhã que se inaugura, nesta cidade a fábrica de chapéus de feltro, denominada "Affonso Vieira" da firma Ferreira e Cia Ltda.*

*A cerimônia dar-se-á às 12 horas, perante numerosas pessoas, dados os convites distribuídos. O Sr. Vigário da paróquia, padre Dr. Joaquim Alves Ferreira, após o benzimento dos dois enormes pavilhões e de outras dependências, declarará inaugurado o importante estabelecimento industrial..."*<sup>9</sup>

Quanto ao maquinismo do novo empreendimento, a imprensa local não poupa elogios:

*"Os maquinismos da Fábrica de Chapéus foram comprados há poucos dias, e são da Alemanha. A capacidade produtiva da nova fábrica será de 300 chapéus por dia. Essa quantidade subirá a 600 daí a 4 ou 5 meses, depois da respectiva instalação. O capital inicial é de 400 contos de réis, sendo aproximadamente 1200 o número de operários..."*<sup>8</sup>

Alguns detalhes da fábrica restaram na memória de uma antiga funcionária:

*"Havia uma sala de costura, onde as moças costuravam, era tudo separado com parede, tudo separado.... Depois, era o local onde os homens trabalhavam com aquelas máquinas, com aquela água fervendo com tinta.... Também fechado! Depois descia e vinha tudo em uma só cobertura, mas tudo separado! Lá tinha o foguista que ficava ali sentado e a gente brincava com ele; depois tinha uma seção de máquinas e aí vinha a minha seção, que tinha as janelas voltadas para a rua.*

*Havia uma padaria, onde hoje é a Peg Pão, mas o dono era o Sr. Florentino.... quando passava um moleque, a gente pedia para ele falar para a moça da padaria mandar um pão ou um doce. A moça mandava e no final do mês nós pagávamos. Era assim, era gostoso....*

*O café, meu pai levava de manhã, porque eu fazia extraordinário. A fábrica começava às 7:00 e parava às 11:00 horas, voltava ao meio dia e meia e saía às 16:30h. Mas eu entrava às 6 da manhã e saía às 17:30h. Eu fazia duas horas de extraordinário para poder ter um dinheirinho para comprar o enxoval. Naquele tempo, já com 14 e 15 anos a menina fazia o enxoval." (D. Lurdes, 1998).*<sup>4</sup>

Símbolo do progresso tão almejado e incentivado, a Fábrica de Chapéus não era a única da cidade, mas sua chaminé, com aproximadamente 15 metros de altura, era ponto de referência, tanto pelo seu volume, quanto pela fumaça e apitos que soltava. É o que somos levados a crer, pelos depoimentos seguintes:

*"...às cinco para as sete fazia Piii, e às 7 horas ele puxava mesmo e Uhuuuuuu!!!! acho que durante uns 5 minutos. A cidade inteira acordava. Uhuuuuuuu!!!! e aquela fumaça que saía lá de cima....mas era bonito...hoje o povo não gosta, mas era bonito!*

*Bom, quando era cinco para as onze dava outro apitinho Piii, e assim quando eram 11 horas abria outra vez Uhuuuuuuuu!!! 4:25 apitinho e 4:30 apitava!*

*Muita gente que não tinha relógio trabalhava com o apito da Fábrica de Chapéus. A Fábrica de Tecidos apitava, mas era fraquinha, parece que o som ia lá para baixo. " 4*

*"Mas se você visse o chaminé, você ficava boba de ver a altura dele para não poluir! A fumaça tinha que sair lá em cima, porque tinha a caldeira para fazer os chapéus e saía aquele vapor..." 5*

*"Nossa! A base dele era do tamanho da minha casa (no chão), tudo de tijolinho à vista e tocada a lenha. O Sr. José Garcia, o motorista, trazia a lenha e aí, fogo na fornalha. Aquele fogo!!" 4*

### 3. DO APOGEU À DECADÊNCIA

A Fábrica de Chapéus trouxe muito emprego para a população batataense, impulsionando o comércio e a indústria locais. Sua localização estava diretamente relacionada com o escoamento da produção através da Estação Ferroviária da Mogiana.

Os chapéus produzidos eram masculinos e podiam ser de feltro ou de lã. O rendimento da fábrica dependia muito da mão-de-obra operária, pois a precariedade das máquinas dificultava o bom acabamento e a rapidez.

Os setores da fábrica eram: escritório, setor de exmursão, setor de propiagem, caldeira, setor de costura, setor de lã, oficina de manutenção, seção de tintas e transporte.

Todavia, a instalação da fábrica na Praça Municipal não obteve boa repercussão entre alguns moradores do bairro do Castelo, que eram contra a concessão da mesma para particulares, principalmente sendo estes os então vereadores do município, José Ferreira da Silva e Affonso Vieira.

Em 1925, o Sr. Adelino Aderbal de Carvalho enviou um documento à Câmara contra a concessão ilegal da praça a particulares, de acordo com o parágrafo 214 da Lei da Organização das Câmaras Municipais do Estado de São Paulo, sem maiores repercussões do mesmo.

A Praça Municipal, antes da instalação da fábrica, era concedida pela prefeitura para a instalação de companhias de circos e apresentações de bandas.

Em 1929, um novo protesto dos moradores do bairro do Castelo contra a concessão da praça a particulares e o estado de abandono da mesma foi enviado para a Câmara Municipal:

*"É a lei que faz o direito e não direito que faz a lei. Gian Criet, nos diz que não é o direito que faz viver a sociedade, é preciso que a sociedade faça viver o seu direito, quebrando ou alargando a periferia compressora que lhe embargue o livre vôo.*

*Baseados nesses princípios os moradores do bairro do castelo reclamam contra a concessão da Praça Municipal a dois vereadores para a construção de uma fábrica de chapéus(...)*

*Houve, na ocasião, legítimos protestos, não contra a instalação da fábrica como, no momento pessoas mal intencionadas alardearam por toda parte, mas tão somente contra a concessão da praça, quando é certo que havia, sem prejuízo da comunidade pública, outros pontos mais adequados e vantajosos à instalação daquele estabelecimento(...) e o atual estado de abandono em que ela se encontra:*

*O abandono está mais do que evidente, não pairando a menor sombra de dúvida sobre o seu característico;( ...)está abandonada mais de quatro anos(...).*

Assinado por: Rômulo Venturoso, José Victor de Oliveira, Maria José Rodrigues, Evaristo de Souza, João Gilberto Tambellini, Arthur Zanetti, André Pippa, João Zanella, Ítalo Zanella, Joaquim Eduardo da Silva, Guglielmo Baldochi, Paulina Bertholina de Oliveira, e os sucessores de José Simioni." 3

Dessa forma, foi concedido o direito de utilização da praça aos moradores do bairro do Castelo, que se dispuseram a auxiliar a prefeitura para os serviços de melhoria na mesma, tornando-a um ponto de recreação para a população.

A respeito da praça, hoje denominada Praça Fernando Costa, uma curiosidade sobre o seu desenho passa despercebida por grande maioria da população. No centro da praça, na base do poste de iluminação, há a imagem de um castelo que talvez seja o reflexo dos cuidados dos moradores do bairro do Castelo para com a praça.

A crise econômica mundial de 1929 refletiu em vários setores da economia batataense, sendo um deles o fechamento das fábricas de tecidos e de chapéus, como podemos observar na cópia do ofício enviado para o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, pela Prefeitura de Batatais, em 26 de maio de 1930:

*"Respondendo ao presado officio de V. Exia., dirigido em 24 do corrente mez ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal, solicitando-lhe o favor de remetter à Repartição do Ministério da agricultura uma relação das indústrias existentes neste município, cumpre me informar a V. Exia. Que as indústrias locais, Fábrica de chapéus, de tecidos e de mozaicos, devido essa crise financeira, estão todas fechadas, tornando-me difficil de saber do número de operários, que nellas possam trabalhar, e da capacidade de sua produção, para, de prompto, satisfazer aos desejos daquelle ministério, o que, com mais vagar, farei com a maior satisfação."*<sup>12</sup>

Durante a crise de 1929, a fábrica permaneceu paralisada por quase dois anos, retornando sob a nova direção de Dr. Bráulio de Andrade Junqueira, Guilherme Tambellini e Carlos Fugazolla.

Em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, os funcionários da Fábrica entraram em greve por melhores condições de trabalho, o que foi solucionado com a demissão dos mesmos e admissão de novos operários.

A respeito da greve, comentário de antiga funcionária:

*"Eu não entrei na greve porque eu cheguei em casa e falei: Pai, vai ter uma greve e o Giotto quer que eu entre. E o meu pai falou que não era para eu entrar porque a corda ia arrebentar do lado mais fraco."*

*Aí chegou o outro dia e o Giotto veio para pegar o meu nome. Eu falei que eu tinha 14 anos e que o meu pai falou para eu não entrar nisso, e é ele que me manda, eu sou de menor, tenho que obedecer ao meu pai.*

*O Giotto tentou explicar que era porque a gente ganhava pouco, mas eu disse que não tinha importância, se fechar eu vou para casa, mas meu pai não quer que eu entre nessa greve.*

*Aí foi aquela coisa....parou a fábrica ... os que entraram em greve o Sr. Carlos mandou embora e os que não entraram ficaram. Os que fizeram a burrada voltaram para pedir o lugar, mas o Sr. Carlos falou que eles não voltavam nem se quiserem trabalhar ali de graça."*<sup>4</sup>

Já na década de 50, o chapéu, antes tido como um complemento da elegância masculina, foi perdendo o seu uso entre os cavalheiros da época, colocando em sérias dificuldades numerosas fábricas, que se viram na necessidade de paralisarem as suas atividades, como foi o caso da Fábrica de Chapéus de Batatais, que faliu em 1953.

*"Nós recebemos indenização....pouquinho....eu recebi 3 contos de réis, uma porcaria mas naquela época valia, e a fábrica parou."*<sup>4</sup>

\* \* \*

Após o fechamento da fábrica, as instalações da mesma foram utilizadas como garagem de carros pelo Sr. Ari Maretto, Fábrica de Caixas de Papelão e, posteriormente, como depósito de café da firma Gaeta Café Ltda., descaracterizando assim a sua arquitetura industrial.

A fachada da fábrica foi modificada com a ampliação de seu pé direito, fechamento das janelas e a demolição de sua chaminé. Também foram construídos alguns barracões provisórios para as máquinas de café.

Atualmente, a edificação da antiga Fábrica de Chapéus constitui um elemento de opacidade histórica para a sua população, pois perdeu, com o passar do tempo, as suas formas e cores, restando apenas os vestígios do que um dia foi símbolo do progresso da cidade.

BALTAZAR, Alessandra. Fragments of memory the hat factory (1925-1953). AMICUS, Batatais-SP, ano I nº 2 - P.

Abstract: The old hat factory was founded in the neighborhood of Castelo in 1925. It constituted, by its time, a very important enterprise. However, as it occurred with similar industries, this factory went down, mainly because the reduction of hat use.

Keywords: Castelo, factory, chimney, crises, hat.

#### REFERÊNCIAS

- a) Arquivo da Câmara Municipal Batatais - ACMB
- 1 - CARRÃO, Joaquim M. de Ammim. Relatório, memória, justificativa e orçamento apresentado à Câmara Municipal de Batataes, de um projeto de melhoramento da Rua do Castelo. ACMB, Serviços Urbanos e Rurais/ Pavimentação/ Relatório, Abril de 1900.
- 2 - Secretaria da Prefeitura Municipal de Batataes. Relação das indústrias existentes no município de Batatais. ACMB, Indústria e Comércio/ Relatórios Estatísticos/ Ofício, 26 de maio de 1930.
- 3 - VENTUROSO, Rômulo et al. Representação à Câmara Municipal de Batatais. ACMB, Serviços Urbanos e Rurais/ Praças Públicas e Jardins/ Parecer, 10 de janeiro de 1929.
- b) Depoimentos:
- 4 - Depoimento de Da. Lourdes Trevisani, prestado à autora em 1998.
- 5- Depoimento de Da. Ivone Schievano, vizinha da Fábrica, prestado à autora, em 1998.
- c) Periódicos:
- 6 - Batataes Industrial. *Gazeta de Batataes*, Batatais, SP, nº 898, 16 de abril de 1924, p.1.
- 7 - Fábrica de Chapéus. *Gazeta de Batataes*, Batatais/SP, nº 893, 3 de fevereiro de 1924, p.1.
- 8 - Nosso Progresso Industrial. *Gazeta de Batataes*, Batatais, SP, nº 933, 7 de dezembro de 1924, p. 1.

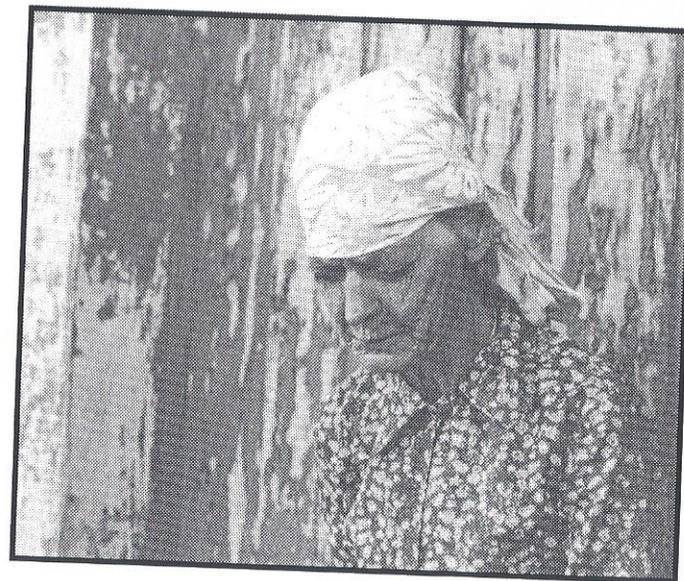
9 - Pela Indústria: A inauguração amanhã, da fábrica de chapéus de feltro. *Gazeta de Batataes*, Batatais, SP, nº 976 11 de outubro de 1925, p. 1.

10 - QUEIROZ, Millo. Impressões de Batataes. *Gazeta de Batataes*, Batatais, SP, nº 903, 18 de abril de 1926, p. 1-2.

"ZINA"

Gaspar de Sousa PRADO NETO\*

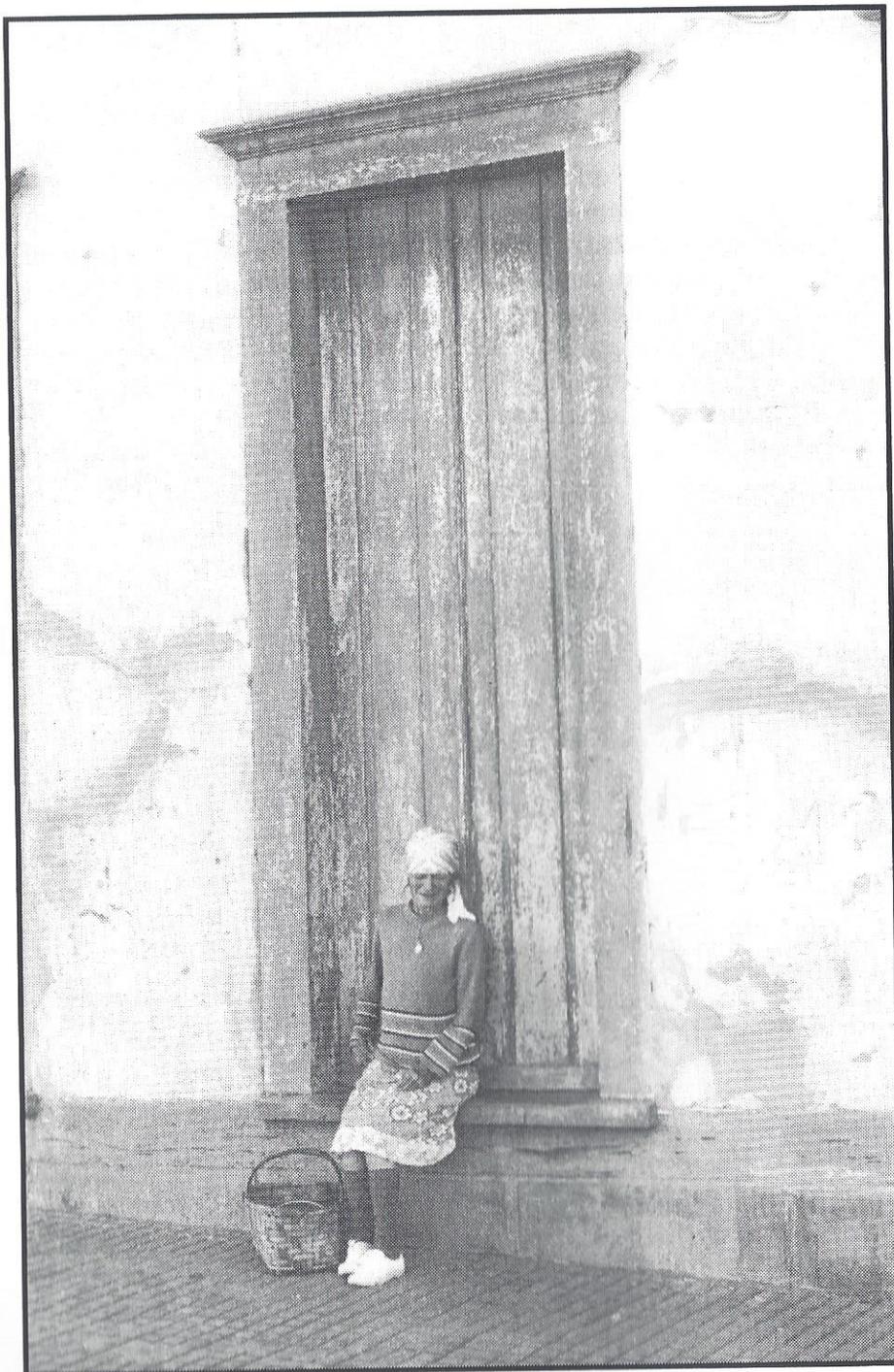
Algumas pessoas parecem concentrar em si mesmas todas as características do lugar onde vivem, como se carregassem em sua aura a condensação das qualidades e, por que não dizer, das mazelas dos que as cercam. Interessante que para isso não precisam ser necessariamente tipos que se destaquem econômica ou intelectualmente dos demais. Pelo contrário, parece que a simplicidade traz o dom da assimilação de uma forma surpreendentemente mais rápida e espontânea.



Zina

Pois foi exatamente isso que ocorreu com a Zina, nascida aos sete de março de 1915<sup>1</sup>, perambulou por Batatais anos a fio, fazendo a sua peregrinação e, no trajeto, sem que fosse preciso pedir, ia recebendo tudo o de que precisava. Em cada ponto de seu caminho era-lhe oferecido todo o necessário para sua subsistência: o café da manhã

\*Pesquisador da iconografia de Batatais.



Zina na porta da casa comercial do Capitão Tito

em determinada residência, assim como o almoço, o lanche da tarde, o jantar e até mesmo o que levar para sua casa, que era ciosamente por ela depositado em sua cesta, como que estabelecendo em cada ponto por que passava um fio invisível pela cidade e, quem sabe, não seria esse mesmo fio o responsável por energizar a Zina com as cores da nossa provinciana Batatais de então.

Para muitos, ela representava a oportunidade de exercer a solidariedade e, portanto, era importante à medida que oferecia a paz da consciência. Para a garotada, oferecia a possibilidade de serem maus, quando apontavam para ela o capetinha dentro da cesta, o que simultaneamente possibilitava aos pais a reprimenda educativa, sem que no fundo nada de cruel tivesse acontecido, pois ela reagia da forma estereotipada que já fazia parte do seu dia-a-dia.

Quando, em 1987, foi internada na Conferência, o nosso fio invisível se foi. A cidade, já transformada e crescida, não poderia mais acalentar o calor humano que ela irradiava.

E foi imbuído do pensamento que expus acima, que em uma ensolarada tarde dos anos setenta, vendo a nossa Zina sentada nos degraus da porta do que antes fora a casa comercial do Capitão Tito, quase em frente ao Colégio das Freiras, como fazia todos os dias, compondo o tal fio imaginário, que a fotografei.

Percebo hoje, melhor do que na época, que não fotografei apenas a Zina, mas registrei também uma imagem que representa uma peça do quebra-cabeças que forma o nosso inconsciente coletivo.

#### NOTA

<sup>1</sup>Brasilina de Jesus Pereira, também conhecida como Brasilina Bárbara de Lima, passou os últimos dez anos de sua vida no Lar São Vicente de Paulo (Conferência), vindo a falecer em 11 de junho de 1997, tendo sido sepultada no Cemitério da Saudade.

**JOAQUIM BORGES DE SOUZA, EX-COMBATENTE,  
RELATA SUA PARTICIPAÇÃO NA FEB**

Entrevista por José Carlos de Medeiros PEREIRA\*

*Esclarecimento do entrevistador*

Propus, e a direção da revista aceitou, a introdução de uma nova seção denominada Depoimentos. Vai constar do relato de um acontecimento, fato ou processo social, econômico, cultural, ou de outra espécie, que tenha sido relevante para a comunidade batataense ou do qual participaram pessoas de nossa região. Para inaugurar a seção, ouvi o depoimento do Sr. Borges. Ele integrou a Força Expedicionária Brasileira e nasceu nos limites entre Batatais e Brodowski. Eu o conheci por volta de 1960, quando freqüentei, como aluno, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, da qual ele era funcio-nário. Mais tarde, como auxiliar-de-ensino e professor-assistente de Sociologia, conversamos mais vezes por sermos conterrâneos e por ser eu sobrinho da capitã-enfermeira Altamira Pereira Valadares, outra participante da FEB. Há cerca de 25 anos eu me transferi para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e ele se aposentou e voltou para Batatais, sem que eu soubesse. Reencontramo-nos agora. Pude assim ouvi-lo. O Sr. Borges, como é conhecido, continua extremamente lúcido aos 80 anos de idade. Lembra-se bastante bem do dia-a-dia de um soldado nos campos da Itália. Creio que seu relato contribuirá para enriquecer o conhecimento daquele episódio histórico.

**1. COMO SOLDADO NO BRASIL**

Nasci no dia 29 de outubro de 1920, num sítio situado entre Batatais e Brodowski. Esse sítio ficava a uns 8 km de Batatais, depois do que é hoje o Horto Florestal.

\* José Carlos de Medeiros Pereira é doutor em Sociologia, livre-docente em Medicina Social e professor-associado aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

Trabalhei sempre no sítio até ser sorteado para fazer o serviço militar em agosto de 1941. Naquele tempo o Exército sorteava um certo número de rapazes que deveriam servir em corpo de tropa. Foram sorteados 20 de Batatais e 10 de Brodowski. Eu fui o número 9 de Brodowski. O sorteio era feito pelas Juntas Militares de cada município.

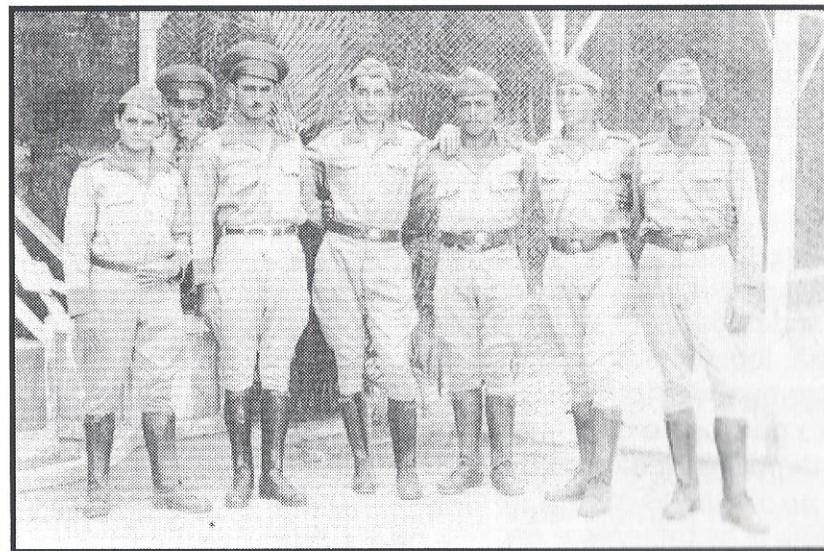
Eu fui mandado direto para o 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava. Terminei meu tempo de serviço, mas não fui licenciado porque o Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942. Então já se sabia que a gente ia participar. O Exército foi adiando a dispensa porque nós já tínhamos instrução militar. Depois que foi decidida a formação da FEB (Força Expedicionária Brasileira), nosso regimento foi sorteado para participar dela. Uma boa parte daquele pessoal de Batatais e Brodowski que foi comigo continuou incorporado.

Eu pertencia ao 1º pelotão da 1ª companhia, do 1º batalhão do 6º R.I.. Quase todo o pessoal da região de Batatais sorteado em 1940 pertencia à 1ª companhia, como eu.

Fiquei um ano e pouco em Caçapava. Fui mandado aqui para perto, para a 5ª C.R. (Circunscrição de Recrutamento) de Ribeirão Preto. É que houve uma convocação de reservistas de 1ª categoria e precisavam de gente nas C.R.. Voltei para Caçapava. Apareceu então um curso de observador em São Paulo, que eu fui fazer. Aí por volta de 1943 o Exército estava preparando gente. O observador mexe com rádio, com telefone, com aparelhos de comunicação. Ele fica junto ao tenente-comandante do pelotão e leva ou transmite as ordens para os grupos de combate. Também traz para o tenente as informações que os sargentos dão. Quando terminei o curso em São Paulo, meu batalhão estava treinando em Taubaté. Foi lá que conheci o Prof. Eurípedes (Simões de Paula; foi Catedrático de História Antiga e Medieval e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP). Ele tinha sido convocado porque era oficial da Reserva. Foi também para a 1ª companhia, se não me engano, como sub-comandante dela. Nessa ocasião, antes de embarcarmos para o Rio, fui ordenança dele. Nesse tempo, os batalhões do 6º tinham sido separados: só o 2º batalhão ficou em Caçapava; o 1º, como já disse, estava em Taubaté, enquanto o 3º foi mandado para Lins. Isso em fins de 1943, começo de 1944. Eu quero esclarecer que o regimento tinha três batalhões; cada

batalhão, cinco companhias: três de infantaria, um de petrechos (munição e instrumentos de guerra) e um de comando. A companhia, por sua vez, era formada por quatro pelotões, sendo três de infantaria e um de petrechos leves. Cada pelotão tinha 41 homens, distribuídos pelos grupos de combate.

Depois de quatro meses em Taubaté, embarcamos para o Rio. Ficamos também quatro meses no Rio, em preparação. Oficiais brasileiros tinham ido fazer estágios nos Estados Unidos. Havia também oficiais americanos aqui no Brasil dando instrução. Quando a gente ia embarcar não se sabia. Acho que os oficiais inferiores também não sabiam. No Rio ficamos na Vila Militar, na Escola de Educação Física do Exército. Mas o treinamento mesmo era feito no campo de Gericinó. Nós lá fazíamos exercício pesado. Não era só de tiro. Estendiam umas redes em cima e a gente tinha que ir rastejando para a frente. Não se podia voltar porque vinham outros por trás. Não se podia levantar a cabeça porque atiravam por cima de nós com metralhadora, com munição de verdade. Era por um trecho longo que a gente rastejava. Pior ainda era o treinamento com artilharia. Atiravam com canhões. Paravam. A gente tinha que atravessar correndo, porque logo voltavam a atirar no mesmo lugar.



Futuros expedicionários, em foto de dezembro de 1941, como soldados do 6º R.I. de Caçapava.

A partir da esquerda: Pedro de Munari, Durval de Almeida, João Garcia Fernandes, Filipe dos Santos, Pedro Alves, João Beato e Joaquim Borges de Souza.

## 2. A VIAGEM ATÉ NÁPOLES

A FEB foi formada por cinco escalões. Mas praticamente só o 1º e o 2º participaram realmente da guerra. O 3º, acho eu, era mais tropa de reserva. Quando o 3º e o 4º escalões chegaram à Itália a guerra praticamente já tinha acabado. O 1º escalão era formado pelo 6º R.I., mais o pessoal administrativo, de petrechos, a artilharia, a gente da assistência médica. O 2º foi formado pelo 11º R.I. de São João del Rey e acho que também pelo 1º R.I. do Rio de Janeiro. O comandante da FEB era o Gal. Mascarenhas de Moraes; o da Infantaria era o gen. Zenóbio da Costa; o da Artilharia Divisionária, o gen. Cordeiro de Farias e o dos Órgãos Administrativos, o gen. Falconiéri da Cunha.

O 1º escalão embarcou num navio americano de tropas chamado General Mann. Subimos para o navio no dia 29 de junho de 1944. Eu me lembro porque foi dia de São Pedro. Esse 1º escalão tinha 5.075 homens. A tripulação americana do navio tinha mais de 1.000 homens. Ele zarpou mesmo às 6 horas da manhã de 2 de julho de 1944. Às 7 horas, quando subimos para tomar café, o Cristo Redentor já estava pequenininho. Interessante que nós não notamos nada. Eu só percebi que o navio já estava navegando, quando peguei minha bandeja de café e antes de comer ou beber qualquer coisa, vomitei. Fiquei enjoado quatro dias. Não só eu: acho que 60% da tropa. Tudo o que comia e bebia, vomitava. Engolia de um lado, jogava do outro. No fim só bebia água gelada. Eles já tinham posto uns tambores para o pessoal vomitar.

No navio, nosso batalhão ficou alojado no quinto compartimento abaixo da linha d'água. Era um calor tremendo, mesmo com todos os ventiladores ligados. O ar era quente. Então, de manhã, logo depois de tomar café, subíamos para o convés. De vez em quando havia algum alarme. Acho que mais para treinamento da tropa e da tripulação. 16 dias atravessando o Atlântico e depois o Mediterrâneo, só vendo água, água e mais nada. Mas no navio as refeições já eram boas. A gente pegava a bandeja e os talheres e entrava na fila para receber as porções de comida daquele dia. A gente comia de pé, num lugar onde já existia um lugar para pôr a bandeja. Acabada a refeição, colocava os talheres e a bandeja no maquinário de lavar. Em duas

horas, 6.000 homens já estavam alimentados com boa comida. Todo dia tinha frutas inclusive; de maçã e laranja eu me lembro. Em cada uma delas estava escrito o lugar de onde vinham. Eles nos davam também "corned-beef" (carne de vaca em conserva salgada). Desde o dia em que entramos no navio nossa refeição mudou. Só voltamos à antiga quando desembarcamos de volta no Rio.

Fomos direto pra Nápoles. Não fizemos nenhuma escala. A escolta até Natal foi brasileira. Depois foi americana. Fomos escoltados por dois "destroyers" (contratorpedeiros), um cruzador e um caça-minas. Em alto-mar, de vez em quando, passava sobre nós uma esquadrilha de aviões americanos. Chegamos a Nápoles no dia 16 de julho. A baía estava coalhada de navios afundados. Vi uma torre no porto completamente destruída por uma bomba. Desembarcamos e pegamos um trem subterrâneo. Acho que era um metrô. No trajeto do porto para a estação fomos apedrejados por civis italianos. Eles pensaram que nós éramos prisioneiros alemães. É que as nossas fardas eram meio parecidas. A farda que nós recebemos aqui era verde-oliva. A dos alemães também. Aí explicaram pra eles que nós éramos "brasiliiani". Primeiro ficamos estacionados num subúrbio chamado Bagnoli. Depois, fomos para mais longe. Ficamos acampados em barracas num lugar chamado Agnaro, a uns 35 km de Nápoles. Era um estacionamento das tropas que desembarcavam naquele porto. Disseram para nós que ali era um vulcão extinto e que tinha sido um campo de caça do rei (no caso, então, do rei das Duas Sicílias ou de Nápoles, não da Itália).

Enquanto estávamos acampados perto de Nápoles, alguns oficiais foram visitar a cidade que o Vesúvio tinha destruído (Pompéia). Eu não fui. Os soldados não tinham autorização para sair.

## 3. TREINAMENTO E INCORPORAÇÃO AO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO

Ficamos uns 15 dias acampados. Fomos em seguida para Tarquínia, no norte da Itália. Era uma pequena cidade, cercada de muralhas. Isso no começo de agosto. Para chegar lá, passamos em Roma primeiro. Embarcamos em Bagnoli de manhã, viajamos o dia inteiro de trem, desembarcamos à

noite em Roma, pegamos caminhões e fomos para Tarquínia. Chegamos lá às 3 horas da madrugada. Não vi praticamente nada de Roma; apenas uns muros; acho que eram muralhas. Não me lembro agora se Tarquínia fica antes ou depois de Pisa. Lá havia uma base de planadores e também um enorme cemitério dos americanos. Acho que era do tamanho de Batatais. O nosso, depois, foi em Pistóia.

Nesse acampamento recebemos armamento norte-americano. O fuzil não era muito diferente do que tínhamos. O nosso era o Mauser. O que recebemos na Itália era o Springfield. Era quase a mesma arma. Mas já veio carabina, revólver. Havia também o fuzil Garand, automático. As metralhadoras é que eram diferentes. Foi por isso que nós tivemos uma preparação longa lá na Itália.

Nesse período uma coisa que chamou minha atenção lá no norte da Itália foi o calor. O verão lá é bravo, coisa fora de série. Parecia que a gente estava no Rio de Janeiro.

Depois de Tarquínia fomos para um lugar chamado Vada para sermos incorporados ao 4º Corpo do 5º Exército americano. Vada fica logo depois de Tarquínia. Nós desfilamos para o gen. Mark Clark, que era o comandante do 5º Exército. Era um homem muito alto e magro. Quando nós voltamos para o Rio, ele veio também receber as tropas. Enquanto o gen. Mark Clark era alto e magro, o gen. Mascarenhas de Moraes era baixinho, e o gen. Zenóbio, gordinho. Do comandante do 4º Corpo, o gen. Crittenberger (Willis), também americano, eu só ouvi falar. Um oficial brasileiro que esteve na Itália e que hasteou a bandeira na primeira missa que foi rezada em Bagnoli foi o Castelo Branco. Naquele tempo ele era tenente-coronel e era oficial de Estado-Maior.

A FEB ficou sendo parte do Exército americano. Mas nós não tínhamos contato com americanos não. Era cada um do seu lado. Mas o conforto era o mesmo. Quanto a tropas de outros países, eu tive oportunidade de ver os escoceses, que tocam gaitas de fole. Vi marroquinos também. Uma coisa que tive oportunidade de notar nos americanos e que achei interessante foi que os soldados pretos ficavam em regimentos separados. Mas eram comandados por oficiais brancos. Eles tinham também regimentos de nipos (nipo-americanos) separados. Era diferente da FEB, em que tudo estava misturado.

Em Vada a nossa companhia ficou acampada num parreiral carregado. Muitos chuparam uvas demais e, naquele calor italiano, tiveram uma tremenda diarreia. Nesse acampamento de Vada tivemos uma instrução pesada. Uma vez ficamos umas 60 horas sem voltar para o acampamento. Era tudo coordenado por oficiais americanos. Os nossos, quando estivemos lá, foram fazer um estágio na linha de frente. Vada já ficava bem perto da linha. A preparação durou um mês mais ou menos: uns 15 dias de agosto e outro tanto de setembro de 1944. Enquanto em Tarquínia ficamos perto de uma base de planadores, em Vada nossa vizinhança era uma base de aviões de bombardeio. Saíam carregados, despejavam as bombas, voltavam, carregavam. Era um barulho dos diabos; um inferno, dia e noite.

#### 4. AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE COMBATE

Eu me lembro quando fomos mandados para a frente. Foi na área de uma cidadezinha chamada Massaciuoli. Foi à meia-noite do dia 15 de setembro de 1944. A FEB ocupou umas aldeias, umas vilas italianas nessa área nos dois dias seguintes. Fizemos prisioneiros uns nove ou dez italianos que estavam num posto. A Itália já tinha saído da guerra, mas existia ainda gente fascista, do partido do Mussolini. Os alemães estavam se retirando para outras posições de defesa, de modo que praticamente não houve combate. Nesses primeiros dias ocupamos uma cidade chamada Camaiore. Aí houve combate. Foi a 3ª companhia do cap. Ayrosa que fez a ocupação. Mas nosso pelotão esteve lá também. Tiramos uma fotografia que tenho até hoje.

Nesses primeiros dias meu pelotão não participou de combates. Mas a gente estava numa grande expectativa. Eu quase não dormia, de tensão. Quando havia a substituição de uma tropa por outra, os alemães ficavam sabendo. Aí eles atiravam mais, para deixar nervosos os que eram ainda inexperientes.

Eu senti mesmo na pele a dureza da guerra em Somacolina, perto de Galicano e antes de Porreta Terme. Mas isso já foi no fim de outubro. Nós estávamos na base e às 4 horas da madrugada do dia 28 saímos para a posição.

As montanhas já estavam todas brancas. Ocupamos a posição para a qual nos mandaram lá pelas 9 horas da manhã. O frio era medonho para nós. À noite caiu um granizo fininho. Isso a noite inteira. A gente não podia ter levado muito agasalho, porque seria muito pesado. Ficamos numas barracas finas. No dia seguinte, lá pelas 8 horas, os alemães começaram a atirar em nós com artilharia. Eles estavam no alto de uns morros. Nós recebemos uns quatro ou cinco contra-ataques. Morreu uma porção de gente. Quando foi à tarde, acabou a munição. A gente precisou recuar. Depois que acabou a guerra, os alemães disseram que a companhia deles que estava na nossa frente perdeu uns 40 homens. Eu já tinha visto gente ferida, mas morto não. Depois a gente se acostuma, mas soldados mortos eu vi mais quando passava de caminhão, na beira da estrada. A gente fica nervoso, mas nem sabe que está. É claro que se fica com medo. Num desses dias eu deitei no chão e rezei. Acho que nunca rezei tanto na minha vida. A primeira coisa que a gente se lembra é da mãe. A gente devia dar um valor tremendo a ela. Tem gente que chora como uma criança.

Um dos que morreram em Somacolonía foi o tenente José Maria Pinto Duarte, da CPP1 (Companhia de Petrechos Pesados do 1º Batalhão). Ele foi ferido e a companhia se retirou. O capitão carregou-o até um certo ponto. Como os alemães estavam para pegá-los, o tenente pediu que o capitão o deixasse. À noite o capitão voltou com uma patrulha, mas não conseguiu chegar aonde o havia deixado. Quando terminou o inverno, o capitão voltou ao lugar e encontrou o tenente tal como o havia deixado, só com uma parte do rosto preta, onde o gelo tinha derretido com o sol.

Felizmente não morreu ninguém de Batatais ou de Brodowski na guerra. Inclusive porque eu teria sabido, pois quase todos eles foram do 6º R.I. e sorteados em 1940 comigo. É interessante que boa parte deles pertencia à 1ª companhia do 1º batalhão, como eu. Raros eram os de outras companhias. Alguns poucos serviram em outros regimentos também. O Sebastião Correia, por exemplo, pertencia ao 11º R.I.. Um dos expedicionários de Batatais que sofreu um acidente foi o Ângelo Carolli. Ele estava num caminhão, junto com o capitão e outros. O caminhão rodou numa ribanceira.

Ele ficou ferido e veio embora antes. Era terceiro-sargento e depois foi promovido a aspirante. Ele pertencia à família que tinha uma fábrica de bebidas em Batatais.

Por falar em expedicionários daqui da região, não sei se me lembro de todos os de Brodowski e de Batatais. Os de Brodowski de que estou lembrado foram, além de Sebastião Correia, Filipe dos Santos, Miguel Arcângelo Damião, Antônio Puga, Pedro Alves, João de Paula e José Arantes. Os de Batatais foram Altino Carloto, João Fressa, Onofre Pimenta de Godói, José Pimenta de Godói, Pedro de Munari, Antônio Lopes de Abreu, Antônio Ferrão, José Ribeiro, Ângelo Carolli, de que já falei, Jorge Aleixo, João Garcia Fernandes, Adalberto Corsini, Durval Leite de Almeida, Olímpio Donadelli, João Batista Beato. O Dr. Paulo Scatena era médico, mas foi como oficial-combatente. Foi promovido a capitão. O Dr. Antônio Teodoro de Lima foi como capitão-médico, e a capitã Altamira Pereira Valadares foi como enfermeira. Pode ser que eu tenha esquecido algum nome.

Como eu já disse, no Brasil eu fui treinado para ser mensageiro. Ele estabelece a ligação entre o tenente-comandante do pelotão e os grupos de combate que estão um pouco mais à frente. O grupo de comando do pelotão tem um tenente, dois sargentos e dois mensageiros. Esse grupo usa rádio ou telefone. O tenente dá ordem aos grupos: entrar à direita, mais à esquerda, fazer isso ou aquilo. O mensageiro sai do grupo de comando e vai lá na frente. É uma função perigosa. Uma vez eu recusei uma ordem. Os alemães estavam atirando de cima de um morro. Eles tinham fuzis com lunetas. Se eu atravessasse o terreno entre o comando e os grupos de combate, eu seria ferido ou até morto. O tenente concordou. Resolvemos esperar um pouco até acabar o tiroteio. Nesse dia, os alemães mataram uns dois ou três dos nossos atirando de cima.

Mas coisa feia na guerra é o bombardeio de artilharia! Às vezes a gente ficava em trincheiras, outras vezes protegido por casas, conforme a posição. Falávamos abrir "buco", que em italiano quer dizer buraco. Era abrir trincheiras nas encostas para a gente se proteger. Era uma espécie de gruta. Ao avião de observação chamavam de "pipo", também em italiano.

Nosso primeiro comandante de pelotão foi o ten. José Gonçalves. Depois que ele saiu, veio o ten. Aldir de Araújo Quadrado. O comandante da companhia era o cap. Alberto Tavares da Silva Júnior e o do batalhão o major Otávio Gross. O major era catarinense, o cap. Tavares era carioca, assim como o ten. Quadrado. O cap. Gonçalves era paulista. Ele era do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Ele foi convocado junto com o ten. Simões, que depois foi Diretor da Faculdade de Filosofia.

## 5. NO "DEPÓSITO" E NA FRENTE

Nós do 6º R.I. não tínhamos contato com os regimentos do 2º e 3º escalões, nem com o pessoal do "Depósito". A gente chamava assim, e acho que era esse mesmo o nome, a tropa que ficava numa espécie de reserva para substituir alguém que era ferido ou morto. A gente só sabia deles quando vinham fazer essa substituição de algum que dava baixa. O tenente Quadrado, nosso segundo comandante, veio do Depósito. Muitos dos soldados que vinham de lá preferiam não voltar. Mesmo quando ficavam doentes, não queriam voltar não. Era muita instrução e muita disciplina. Ter que ficar ali, naquela rotina, esperando substituir alguém, devia ser muito chato. Por isso preferiam ficar na linha de frente. Lá era uma família. Tinha-se muita liberdade com os sargentos e o tenente. Depois de comer e dormir junto uma porção de tempo, as pessoas ficam como se fosse uma família. O tenente Gonçalves, o primeiro comandante do nosso pelotão, até hoje considera os soldados que foram seus comandados como se fossem seus irmãos. Ele sempre visita todos: no Rio Grande, em Santa Catarina, em São Paulo. Lá em Caçapava nós nos encontramos todo ano. Quando ele vê a gente, parece um irmão que faz muito tempo que a gente não vê. Ele tem muita satisfação em encontrar a gente. E nós, ele. A guerra é isso aí! Aproxima as pessoas quando o comandante é bom. Nós fomos muito felizes com os nossos dois comandantes: o ten. Gonçalves e o ten. Quadrado. É muito raro a gente ver o capitão, comandante da companhia.

## 6. VESTUÁRIO E PASSADIO

Os americanos nos forneceram um bom vestuário para o frio. Primeiro era um cuecão, que nós chamávamos de "mijão", uma camisa, o macacão, a galocha, gorros, um capotão muito pesado. Era tudo impermeável. Eles nos deram também um saco de dormir que a gente chamava de cama "roll". Entrava-se dentro e fechava-se o "zipper". Se o sujeito quisesse podia fechar até para cima da cabeça. Além disso, cada um tinha um cobertor. Nós ficamos bem agasalhados naquele frio do inverno italiano. Às vezes chegava até 20º abaixo de zero.

Durante a guerra não comemos nem bebemos nada que fosse italiano. Nem água. Era proibido. Não fiquei sabendo o gosto nem de vinho nem de queijo italiano.

A comida que os americanos nos forneciam era ótima. Para se ter uma idéia eu saí daqui com 57 quilos e voltei com 64. Tudo enlatado, mas tudo bom. Onde podia chegar comida quente, era comida quente. Quando não podia chegar, nós levávamos três latinhas de comida, que chamávamos de "scatoletta". Eram do tamanho de uma lata de tomate. Já vinham com o abridor também. Numa tinha o café da manhã; nas outras, o almoço e a janta. Na lata do café da manhã vinha açúcar, café, chocolate, bolachas, balas, cigarros, fósforos, papel higiênico. Depois de tiradas essas coisas, acho que ninguém conseguiria mais colocar tudo de volta. A gente não sabia como é que tinham conseguido pôr aquilo numa lata pequena.

Na latinha de almoço vinha feijão branco, carne, macarrão, tomate. Chiclete, dropes, barra de chocolate vinham separados. Quando aparecia arroz era muito ruim: uma papa. A do jantar continha outros ingredientes. O café era solúvel. O queijo vinha numa latinha pequenininha. Depois de cinco anos abri uma que eu trouxe. O queijo estava como se tivesse sido feito naquele dia. Trouxe também uma "scatoletta" que abri depois de dois anos. A comida estava como se tivesse sido feita naquele dia.

As latinhas eram descartáveis. A gente comia e punha dentro de um saco. Quando o jipe vinha trazer nova comida, levava o lixo de volta. Elas eram amassadas e jogadas dentro de um buraco. Em cima jogavam gasolina e punham fogo.

Nas cozinhas a gente não via nem um mosquito. Era uma higiene tremenda. As cozinhas americanas e brasileiras eram separadas, mas o tratamento era o mesmo. Eram brasileiros os que trabalhavam nas cozinhas e que dirigiam os jipes que levavam a comida. Os americanos só forneciam o material.

Tudo era assado, cozido, esquentado na base da gasolina e transportado em tambores. Quando a gente mudava de posição, já encontrava outros postos lá na frente distribuindo gasolina. Um caminhão de tropas encostava, enchia o tanque; logo vinha outro, a mesma coisa. Parece que os americanos tinham mais gasolina do que água. Uma coisa fora de série. Nos fornos em que se fazia o pão usava-se também gasolina. Quando a gente estava num lugar em que se podiam servir refeições quentes, de manhã vinha um prato de aveia, café, leite, chocolate, bolachas, biscoitos. O jipe de refeições levava os alimentos praticamente até à linha de frente, mesmo com perigo. Pra se ter uma idéia, o pão chegava quentinho. Era pão "pullman". A manteiga não era pouquinho não. Era manteiga no pão mesmo. Mas antes de tudo a gente tinha que tomar uma caneca de suco de tomate. Não era bom. Vinha também "grape-fruit". Era um tratamento fora de série. A massa de bolo já vinha preparada. Os cozinheiros misturavam água, punham no forno e logo tinham um bolo enorme. As carnes de frango, de boi, de porco também já vinham preparadas. Era só esquentar. O leite era em pó para desmanchar na água. Tudo era trazido em tambores. Cada companhia tinha sua cozinha. Onde quer que a gente estivesse, nos entregavam sempre um maço de cigarro e fósforos.

Existia também a ração K, que vinha numa caixa de papelão. Não trazia comida mole como macarrão, arroz, feijão. Trazia uma porção de enlatados ou caixinhas com carne, salsicha. A caixa era do tamanho de uma daquelas antigas de marmelada. Do salsichão e do "corned-beef" ninguém gostava.

## 7. HIGIENE E ASSISTÊNCIA MÉDICA

Nos acampamentos em que fiquei a higiene era muito grande. Nos refeitórios, nas cozinhas, havia telas. Tudo era muito limpo. Não se viam moscas. As privadas nesses acampamentos eram uma série de caixões em que se ficava de

costas um para o outro. Neles já havia papel higiênico. Tudo era freqüentemente desinfetado, de modo que não se sentia mau cheiro. O interessante é que essas casinhas ficavam ao relento. Eram fáceis de montar. Quando se estava na frente, mas dentro de casas, tudo bem. Quando a gente estava em trincheiras, como elas não eram visíveis para o inimigo, podia-se sempre sair para defecar ali perto sem ser visto.

O maior problema no inverno foi o banho. Quase ficamos todo o de 44-45 sem tomar um completo. O primeiro que o pessoal na nossa companhia tomou foi quando estávamos na cidade de Vaiarana, perto de Porreta Terme; esta era uma cidade de termas. Nós estávamos na reserva do batalhão e fomos para lá. Cada um tinha 10 minutos para tomar um banho de imersão de água quente. Quando estávamos nessa cidade, um avião, se não me engano brasileiro, caiu lá. O piloto saltou de pára-quedas, mas o avião explodiu.

A gente tinha dois sacos de roupa, A e B. Quando trocava uma muda, punha a suja no saco. O jipe pegava para ser levada para a lavanderia. Era tudo numerado, para não se perder. O saco A acompanhava a companhia, enquanto o B ficava no depósito, para ser mandado para a troca quando fosse preciso. A gente dizia que cada soldado tinha três sacos: o dele, o que acompanha e o que fica na retaguarda. Depois que fui para São Paulo, deixei-os aqui em Batatais. Como as pessoas vão pegando essas coisas, tudo desapareceu sem que eu percebesse.

Cada pelotão tinha um enfermeiro e dois padioleiros. Se qualquer soldado fosse ferido, o enfermeiro prestava os primeiros socorros. Cada soldado levava no cinto curativos também, para qualquer emergência. Se fosse preciso, os padioleiros levavam o ferido para a retaguarda, para um hospital de frente, avançado. Se fosse preciso, o sujeito ia para hospitais que ficavam mais na retaguarda. Se o caso fosse muito grave, o ferido ia para os hospitais de evacuação. Aqueles que podiam voltar para o "front", voltavam; se não, eram recambiados para o Brasil ou até para os Estados Unidos, para fazer tratamento. Do meu pelotão mesmo foi gente para lá. Para doenças como gripe, diarreia etc., já tínhamos remédio na própria companhia. A gente era obrigado a fazer prevenção. Tínhamos que pôr um comprimido de "atebrina" (marca registrada de um composto de quina) na água do cantil,

para evitar malária. Havia comprimidos para a purificação da água. Mesmo na água que era fornecida para a tropa, a gente tinha que pôr os comprimidos. Os americanos se preocupavam muito com a saúde dos soldados.

Eu mesmo estive cinco dias num hospital. Me senti mal e fui mandado para o 7º Hospital de Evacuação, em Livorno. Fui muito bem tratado. Era um hospital americano. Não faltavam enfermeiras lá dentro. Elas nos examinavam a toda hora. Éramos um grupo de soldados brasileiros. De vez em quando passava um médico. Só fiquei sabendo o que eu tinha depois. O tenente me falou que eu tinha tido um problema de sistema nervoso.

## 8. ALEMÃES E ITALIANOS. A ITÁLIA

Eu não vi alemães prisioneiros. Eles já iam direto para a retaguarda, levados pela polícia militar. Lá eram interrogados e identificados. Existia um centro de informação, com intérpretes.

Os italianos com os quais nós tivemos algum contato eram os "partigiani" (guerrilheiros italianos partidários dos aliados). Eles nos serviam de guias porque conheciam bem o terreno. Faziam também o transporte de munição e de comida para lugares na frente aonde os jipes não podiam chegar. Usavam mulas para isso. Eles acompanhavam as tropas. Os alemães bombardeavam as mulas. Morreram muitas e também muitos "partigiani".

Com os civis italianos não era permitido o contacto. Eu penso que a proibição era porque devia haver ainda fascistas entre eles. O que eu vi foi uma população com falta de tudo, porque os alemães, quando se retiravam, levavam tudo o que podiam levar: cavalos, gado, bicicletas, máquinas, até alimentos. Os italianos diziam: "Le tedesco portati tutti!" (sic). Os americanos então forneciam alimentação, vestuário, gasolina pra eles. Eu vi muitas cidades italianas bastante destruídas. A cidade de Cassino, por exemplo, ficou um monte de escombros. Eu fiquei sabendo que os alemães resistiram quase um ano lá, que os aliados tomavam o lugar, que logo depois era retomado por eles. Algumas partes de cidades, onde os alemães resistiram mais, também ficaram arrasadas. O pessoal chamava os italianos que tinham perdido tudo

de "sfollatti", de retirantes. Quando os aliados ocupavam um lugar, os italianos que tinham se retirado voltavam para os seus lares. Eram esses que nós chamávamos, entre nós, de "esfolados".

A Itália do Norte, pelo que lembro, era toda formada de aldeias e vilas muito próximas. Ficam, acho, a uns mil, mil e duzentos metros umas das outras. São como as colônias antigas das fazendas grandes. Os que moram nessas aldeias os italianos chamam de "contadini". Cada um tem sua terrinha e nela eles plantam de tudo. Acho que os "contadini" eram arrendatários ou meeiros. Eles têm lotes pequenos cultivados. Todo o terreno é aproveitado. Eu vi que nada era jogado fora. Todos aqueles galhos secos, mesmo pequenos, que ficam no chão depois de terminado o inverno, são armazenados para fazer fogo. Toda a palha do trigo ou do arroz também. Havia muitas carroças. Os cavalos tinham um saco atrás, para estrumarem dentro dele. Nada se perdia. A comida era servida na quantidade certa. No fim, a pessoa pegava um pedaço de pão e passava pelo prato para aproveitar tudo.

## 9. OS ÚLTIMOS MESES DA GUERRA

No final de 1944 houve combates muito duros em Monte Castelo. Mas o nosso regimento não participou porque estava na reserva. Foi o 11º R.I., de São João del Rey, que atacou lá. Acho que também o 1º R.I., do Rio de Janeiro. Os alemães rechaçaram quatro ou cinco ataques das tropas brasileiras e americanas. Depois do ataque da artilharia brasileira e americana, do bombardeio da aviação e com o apoio da divisão de montanha dos americanos, os alemães recuaram. Eles suportaram uma carga de bombas lá que foi uma coisa fora de série. Pelo que me contaram, a artilharia tinha despedaçado os abrigos deles. Me disseram que encontraram gente pregada na parede, tão grande era o deslocamento de ar com as explosões das granadas atiradas pelos canhões.

Não era só a artilharia que fazia o inimigo recuar. Também a aviação. No fim da guerra, na ofensiva geral, nós ficávamos parados vendo aquelas esquadrilhas de avião. Era o dia inteiro, noite e dia, os aviões despejando bombas sobre as posições alemãs; ou sobre as cidades alemãs. Fiquei sabendo, depois,

que 6.000 aviões aliados despejaram bombas sobre a cidade de Dresden.

Quando houve a ofensiva geral, praticamente no fim da guerra, em abril de 1945, vi muitos mortos. Havia também muito animal morto, principalmente cavalos. Conforme os alemães iam se retirando, a gente ia avançando, mas de caminhão. Eu vi mortos assim, de cima do caminhão de tropas. Nessa ofensiva os alemães passaram a se render em massa. Sabiam que já estavam vencidos. Mas nós apreendemos muito material ainda. O armamento deles era bom. Existia uma metralhadora que, diziam, dava 1.100 tiros por minuto. Ela foi apelidada por nós de "lurdinha". À noite eles costumavam dar tiros de inquietação com balas trançantes. Às vezes estava tudo calmo e eles começavam a atirar. Formava aquela corrente de balas! Aquilo irritava muito a gente. Mas o morteiro é que é uma arma muito perigosa. É aquele canhão de pé, curto, carregado pela boca. Eles atiram lá e a bomba vem assobiando. Não se sabe onde ela vai cair. É um assobio medonho feito pelo deslocamento de ar. Faz uma pressão psicológica tremenda. Havia também um canhão, de 88 milímetros, que era muito perigoso.

Eu nunca gostei de conversar sobre a guerra porque as pessoas pensam que a gente vê o inimigo e que fica atirando de fuzis uns nos outros. A guerra é artilharia. Fuzilaria atirando com fuzis, é muito pouco. A infantaria serve mesmo é para ocupar o terreno. Se a gente não conseguia atingir uma posição, era pedida a artilharia. Então ela acabava com tudo. O inimigo então recuava. Aí a gente ia ocupando as posições que eram abandonadas. Contato mesmo de ver o inimigo não existe. Se a infantaria avança e encontra muita resistência, ela recua. É a vez da artilharia. Dá 10 tiros de canhões por exemplo. Se o inimigo continua lá, dá 20, 30, 40, 100, até ele abandonar a posição. Aí a infantaria ocupa o terreno. Também desaloja e prende os soldados remanescentes que ficaram na posição atacada. O lema dos americanos era "gaste munição e poupe o homem". Diziam que material e munição se faz uma imensidade numa hora, enquanto o homem demora 20 anos para ser feito. Eles não pensavam muito para gastar material.

Nesse final da guerra nosso batalhão esteve em Castelnuovo, Montese, Zocca. Mas só em Montese houve

combate em abril de 1945. Era uma cidade considerada posição estratégica. O que fazíamos era ocupar as posições que os alemães iam abandonando em sua retirada. Um lugar em que também estivemos foi Pistóia, onde foi feito o cemitério dos brasileiros mortos.

Uma cidade grande que tive oportunidade de visitar foi Florença. Eram escalados grupos de soldados para ficar cinco dias de licença lá, num hotel cinco estrelas. O grupo em que eu estava conheceu bastante a cidade. Lá houve um caso curioso, que me ficou na memória. Os italianos tinham uns carros, tipo furgão, puxados por dois cavalos bonitos. O soldado entrava e lá na frente pegavam a "donna". A gente ia andando pela cidade, no furgão fechado. Tinha um porém. Havia duas camas, sem separação nenhuma entre elas. O cocheiro de vez em quando abria a portinhola e perguntava: "È finito?". O sujeito respondia: "que finito nada; nem comecei ainda". Eu fui um dia porque o pessoal junta e te leva. Não tem como escapar. No dia seguinte eu falei: "não vou acompanhado não; vou pagar sozinho". Essa foi uma das coisas interessantes que me aconteceram. A gente nem via a cara da fulana. Lá em Florença nós fomos visitar museus, a catedral. Um cantor italiano famoso na época, chamado Carlo Bucci, foi dar um "show" para nós.

De Castelnuovo a gente avistava Bolonha. Mas o lugar mais longe a que minha companhia chegou foi Collecchio e Voguera. Outras tropas da FEB chegaram até Alessandria, cidade a uns 70-80 quilômetros antes de Turim, pelo que me contaram. Foi nessa cidade de Voguera que a gente soube que a guerra tinha acabado. O padre, capelão militar, havia reunido nosso pelotão numa igreja. Estava fazendo uma palestra quando ouvimos os italianos gritando: "È finito la guerra, è finito la guerra". O padre continuou a falar. Não houve nenhuma comemoração nem naquele momento nem depois, no acampamento.

Eu já disse que tínhamos pouco contato com os italianos durante a guerra. Depois que ela acabou, ficamos mais à vontade. Nossa companhia ficou como tropa de ocupação de Voguera, perto de Collecchio. Nosso capitão era o prefeito nomeado. Então, durante um mês mais ou menos, tudo o que a gente ganhava dava para as italianas. Voguera era um entroncamento de trens que vinham de

Bolonha, de Turim. Íamos à estação esperá-las. Levávamos chocolate, cigarros, coisas que estavam sobrando para nós. Os italianos, em Voguera, nos ofereceram baile, cinema, mas era gente demais para ir todos.

A gente não ia a um restaurante nem podia comprar quase nada porque a vida tinha ficado muito cara. Lá na Itália recebíamos 260 liras por mês para alguma despesa. Acho que isso correspondia a uns 260 reais de hoje. O governo mandava outro tanto para a família. No meu caso, para o meu pai. Na volta, ele me devolveu tudo. Não tinha gasto nada. Uma outra parte, ainda, ficava no fundo de previdência.

## 10. A VIAGEM DE VOLTA E NO BRASIL

Lá pelo meio de junho de 1945 terminou nossa tarefa de servirmos como tropa de ocupação. Voltamos então para Nápoles. Viemos de caminhão para um bivaque perto de Roma. Passamos uma noite nesse bivaque. De lá a gente avistava a cidade. Em seguida fomos para um acampamento perto de Nápoles chamado Francolise. Era um acampamento montado pelos norte-americanos para todas as tropas aliadas. Tinha tudo: chuveiro quente e frio, padaria, hospital. Uma coisa interessante nesse acampamento era a carreira de privadas ao ar livre, uma de costas para a outra. O esgoto corria no meio; tudo era completamente desinfetado. A higiene era tanta, que não se sentia nenhum mau cheiro. Embarcamos de volta, em Nápoles, no navio de tropas americano General Meigs. Saímos de lá no dia 1º de julho de 1945. Chegamos ao Rio de Janeiro no dia 18.

Depois do desembarque, houve desfiles. A nossa companhia foi mandada para São Paulo para desfilar. Embarcamos no Rio de trem, ao anoitecer, e chegamos de manhã na Estação da Luz. Desfilamos na Av. São João e fomos para o Pacaembu, para uma recepção. Depois recebemos uma noite livre. Fui para casa de parentes da minha futura mulher, no Belém. No Largo do Paissandu me agarraram, me levaram para trás da igreja e me roubaram todos os distintivos: da FEB, do 5º Exército. De alguns colegas levaram até os botões da calça, como lembrança, como recordação. Mas a recepção foi uma coisa fora de série.

Em seguida voltamos para Caçapava para sermos dispensados. Recebemos o certificado, medalhas e um bom dinheiro. Eu, por exemplo, recebi Cr.\$ 16.700,00 (dezesseis mil e setecentos cruzeiros). Passados mais uns meses recebi ainda uma diferença de uns Cr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros). Isso, em 1945, era um bom dinheiro. Acho que cada cruzeiro daquela época valia um real de hoje. Alguns compraram chácaras ou começaram o negócio com o dinheiro. Nós demos baixa uns dois ou três dias depois de termos voltado para o nosso antigo regimento. Cada um recebeu um passe para voltar para sua cidade. Depois de quatro anos eu não era mais soldado!

Fiquei uns tempos na boa vida com o dinheiro que tinha recebido quando dei baixa e com aquele que o meu pai tinha guardado pra mim. Mandei fazer uns bons ternos, viajei um pouco pra São Paulo, pro Rio. Depois, em São Paulo, acabei indo trabalhar numa indústria até ir para a Faculdade de Filosofia.

Só fiquei sabendo que existia uma legislação que favorecia a entrada de ex-combatentes no serviço público muitos anos depois, em 1951. Em São Paulo eu tinha um primo, o Benedito, que trabalhava na Faculdade de Filosofia da USP como inspetor de alunos. Mas esse primo não sabia onde eu morava. Como eu tinha sido ordenança do Prof. Eurípedes, ele tinha reservado um lugar pra mim na Faculdade. Não me encontravam para tomar posse. Um dia, no entanto, lá no Largo da Concórdia, no Brás, o Benedito e eu nos encontramos. Ele estava num ônibus e desceu correndo quando me viu. Foi meu primo que me mandou procurar a vaga que o Prof. Eurípedes tinha me reservado. Até hoje muitos não sabem dessa lei nem da pensão que o governo federal concedeu aos expedicionários. A gente recebia como segundo-tenente. Agora cortaram: recebemos como ex-combatentes. De qualquer modo, lá na Filosofia eu trabalhei até 1973, quando me aposentei e voltei para Batatais.

Carvalho Júnior, José Mário Nogueira de. Projeto, Construção e Conhecimento Operário – Um Estudo de Caso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

Seu autor, formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, após a dissertação em apreço, doutorou-se também pela FAU-USP. Atualmente, é Professor de Projeto de Edificações – Estudo dos Sistemas Construtivos, na UFSCAR.

O trabalho aqui registrado recebeu o Prêmio Rino Levi, IAB-SP, em 1983. Trata-se, portanto, do registro do desenvolvimento de um projeto da maior importância, o da construção da "Casa dos Padres Claretianos", de Batatais, trabalho realizado juntamente com o arquiteto Afonso Risi Júnior, entre 1980 e 1981. Construção que vem merecendo as mais elogiosas referências de todos os que tiveram a oportunidade de conhecê-la pessoalmente.

A escolha desse projeto como objeto de estudo para um trabalho de pós-graduação baseou-se em algumas diretrizes que haviam norteado a proposta de arquitetura. De um lado, a incorporação ao projeto de idéias visando ao conhecimento construtivo dos operários, que, segundo a visão dos autores, era uma maneira de conservar e difundir esses conhecimentos e, de outro, buscar reativar uma estrutura de produção que se baseava na transmissão desse conhecimento. Para os autores do projeto, essa estrutura caminhava para o desaparecimento. O exemplo marcante dessa situação é a substituição do mestre-de-obra (nomeado pelo conhecimento que detinha) pelo mestre/empreiteiro (designado mais pelo controle que tinha dos operários, em vez do conhecimento).

No capítulo 1 é relatada uma experiência envolvendo o projeto e a construção de uma edificação, na qual se desenvolveu um estudo das condições em que o operário exprime seu conhecimento e sua relação com os desenhos de obra. De um lado, o saber, as idéias que conformaram o projeto e que, expressas em desenhos, impõem o espaço; de outro, o saber-fazer, os conhecimentos de mestre e pedreiros que,

após compreenderem os desenhos, utilizam-nos na construção do espaço proposto.

No capítulo 2 e parte do capítulo 3 tratam do local (Batatais), das diretrizes que haviam norteado o projeto de arquitetura e a descrição de uma experiência anteriormente realizada na cidade (o projeto e a construção da residência Osmani e Maria Campeç). Nessa primeira experiência, os autores propuseram algumas idéias, posteriormente retomadas e aprofundadas no projeto da Casa dos Padres Claretianos.

O capítulo 3 inicia-se com a descrição de uma pesquisa sobre a formação dos mestres e pedreiros de Batatais. Procuraram-se descobrir as origens de seu conhecimento construtivo expresso nas construções, como haviam se formado e como esse conhecimento era transmitido nos canteiros de obras segundo uma tradição. O sobrenome da maioria dos mestres e pedreiros da cidade chamou a atenção dos autores, pois indicava o predomínio da origem italiana.

Ainda nessa parte foi feita uma análise dos materiais e componentes construtivos predominantes nas construções da cidade. O predomínio do tijolo comum (principalmente do conhecido tijolo de pó-de-mico), das argamassas utilizando areia do campo e das coberturas com telha cerâmica. Esse conhecimento baseava-se principalmente no domínio das técnicas construtivas de alvenarias de tijolos de barro cozido (ainda que no município não existissem olarias), principalmente do chamado tijolo de pó-de-mico. Edifícios construídos com blocos de concreto ou mesmo estrutura de concreto eram praticamente inexistentes. Isso indicava uma tradição de conhecimentos no trabalho com o tijolo. As referências a abóbadas e cúpulas se restringiam à construção de fornos (exceção das abóbadas alemãs da antiga cadeia pública – hoje escola do SESI). A referência da laje de tijolo veio de casas simples, escondida sob a argamassa.

No restante do capítulo 3, faz-se uma descrição comparativa entre o que havia sido imaginado em projeto e como essas idéias foram materializadas na construção. Para isso, tornou-se necessária a recuperação da chamada memória do projeto (história cotidiana das condições em que o projeto foi realizado) e memória de obra (história cotidiana do conhecimento construtivo do mestre-de-obra e dos pedreiros, necessário à materialização do espaço projetado).

No capítulo 4 desenvolve-se uma análise sobre a postura do mestre e dos pedreiros face às diretrizes iniciais que norteavam o projeto. Analisou-se como se davam suas relações com os profissionais (arquitetos e engenheiros) que haviam participado da obra, os instrumentos de trabalho, as atitudes perante uma proposta do canteiro como escola, as questões da racionalização e da produtividade e, finalmente, o significado dos conceitos do saber (tecnologia) e do saber-fazer (técnica).

Nos anexos foi feita uma série de referências a Batatais.

No Anexo 1, mostram-se alguns desenhos do projeto (planta, corte e elevações) da Igreja Matriz, cujo canteiro de obra foi muito comentado por mestres e pedreiros como um local de aprendizado.

No Anexo 2, a reprodução do diploma de Carlo Zamboni, engenheiro italiano construtor da Igreja Matriz.

No Anexo 3, descreve-se uma pesquisa feita em laboratório e com a utilização bibliográfica especializada, comparando o tijolo de pó-de-mico com o utilizado em obra. A análise da argila de pó-de-mico revelou a presença de minúsculas "agulhas" (provenientes talvez de microorganismos) que poderiam provocar coceiras quando em contato com a pele.

O Anexo 4 trata de pesquisa sobre a areia do campo, material muito utilizado como componente de argamassas. Procuram-se comprovar em laboratório as referências feitas pelos mestres a esse material.

No Anexo 5 descrevem-se pesquisas realizadas quanto à resistência da laje de tijolo comum, componente construtivo que os autores haviam conhecido através de mestres-de-obra de Batatais.

Finalizou-se o trabalho com a descrição de algumas "receitas caseiras", modos de fazer que colheram com alguns dos mestres-de-obra de Batatais. Descrevem-se pinturas em paredes expostas, pinturas a cal e tinta a óleo e como fazer a já quase esquecida barra lisa.

\* \* \*

Pelo exposto, verifica-se que se trata de um trabalho merecedor da maior atenção, não apenas dos arquitetos, mas também de artistas plásticos, comissões de patrimônio

histórico, dirigentes das mais variadas modalidades de casas de recolhimento, enfim, do próprio público laico que, dotado de sensibilidade, sempre sabe apreciar aquelas obras que mantêm certa linha de originalidade, sem caírem em extravagâncias estéticas.

Portanto, dada a importância desse trabalho, AMICUS pretende publicá-lo em breve, na forma de artigo assinado pelo autor da dissertação.

## LANÇADA COM SUCESSO REVISTA "AMICUS"

Maria Clarisse Bombonato PRADO\*

Um dos grandes sonhos da Sociedade Amigos da Cultura era lançar uma revista própria, que revelasse uma Batatais já conhecida e uma outra a ser desvendada. Assim, depois de muita pesquisa, muitos contatos e reuniões, nasce o seu primeiro número. Como tudo o que nasce depois de muita espera é sempre bem festejado, a revista é lançada com grande comemoração, na noite de 21 de julho de 2000, nos salões da Casa da Cultura.

O primeiro grande momento dessa noite surgiu na voz firme e envolvente da declamadora e poetisa Célia Natalina dos Santos, que nos presenteou com o expressivo poema "Moeda Paulista", sobre o tema a ser tratado a seguir, em uma mesa redonda, a que o nosso presidente, Prof. Dr. Walter Cardoso, chamou de Reexame da Revolução Paulista de 32. A escolha desse tema, apesar de pouco discutido no âmbito escolar, foi oportuna, porque pôde trazer à tona questões históricas relevantes do nosso estado e do nosso país.

O sociólogo Prof. Dr. José Carlos de Medeiros Pereira iniciou a palestra, apresentando um panorama do momento histórico e da situação social e econômica do Brasil e do mundo à época da Revolução.

Prosseguindo, o Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel expôs sua visão dos fatos, levando-nos a questionar com ele o sentido do Movimento Constitucionalista.

A mestranda Karina Elizabeth Serrazes finalizou a palestra, revelando-nos o tema de sua tese, através de depoimentos de pessoas que ela entrevistou em Batatais sobre a Revolução Paulista.

Um debate entre a mesa e os participantes encerrou essa primeira parte, e chegamos ao ponto alto de nossa festa: a apresentação da tão esperada revista.

\*Professora de Português da Rede Estadual de Ensino, aposentada.

Calorosa receptividade teve a nossa publicação. Sua capa sugestiva instigou-nos a curiosidade desde o início: que igreja seria aquela? Ansiosos, todos ali se concentravam nos variados assuntos que ela trazia.

Para tornar o encontro mais agradável ainda, esperavamos, na sala ao lado, uma mesa bem posta com café e quitandas, lembrando um clima paulista tradicional familiar (bem mineiro, diga-se de passagem), aquecendo o bate-papo animado sobre as novidades da revista.

Com este segundo número e muitos outros que virão, esperamos contar com a mesma acolhida dos amigos e daqueles que prestigiam a nossa cultura e amam a nossa gente.

## ÍNDICE DE AUTORES

BALTAZAR, Alessandra, p.121

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira, p.87

CARDOSO, Walter, p.73

PEREIRA, José Carlos de Medeiros, p.137

PRADO, Maria Clarisse Bombonato, p.161

PRADO NETO, Gaspar de Sousa, p.133

SERRAZES, Karina Elizabeth, p.75

SQUARIZI, Luciana, p.99

## NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL

A Revista AMICUS publica trabalhos inéditos, relativos principalmente a Batatais e região. Os textos serão redigidos de preferência em português.

Recomenda-se que os artigos apresentem os seguintes itens:

Título, autor(es), identificação do(s) autor(es), *Resumo*, (de no máximo cinco linhas) e cinco *Palavras-chave*, antecedendo o texto. Sucedendo a este, *Abstract* e *Keywords*. Completam o texto, sucedendo-o: *Referências Bibliográficas* (obras citadas no texto) e *Notas*, para esclarecimentos considerados necessários. Utilizá-las o mínimo possível e numerá-las na entrelinha superior do texto.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas Normas para a Apresentação de Original serão devolvidos aos autores.

Além de artigos, a Revista AMICUS terá, entre outras, as seguintes seções: Arquivos, Bibliotecas e Museus, Entrevistas, Memórias, Noticiário, Resenhas, Teses e Memórias, além de outros textos, considerados compatíveis com os objetivos da Revista.

Maiores esclarecimentos acerca das normas de apresentação de original serão prestadas pelo Conselho Consultivo de Publicações.

E-mail: [wcardoso@netsite.com.br](mailto:wcardoso@netsite.com.br)